

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	Cultura Negra
Autor/Instituição	Cúria Diocesana de Nova Iguaçu
Número de Documentos	51
Quantidade e tipo de documentação	Jornais, revistas, informativos, encarte, livreto, relatório
Dia/ Mês/Ano	Julho de 1995 até 31 de março de 1996
Formato	A4 e A3
Resumo	A documentação reúne informações sobre a articulação do movimento negro nacionalmente e internacionalmente. Aborda os seguintes assuntos: discriminação racial, luta por direitos civis, artes e cultura negra, treinamento de não-violência, tricentenário de Zumbi, entre outros. A documentação encontra-se em bom estado de conservação, com as páginas datadas indicando o periódico de publicação.
Palavras-Chave	Movimento negro, discriminação racial, direitos humanos, cultura.
Notas explicativas	Os informativos entre um fragmento e outro dos periódicos são de organização da Cúria. Os periódicos quem compõem a documentação são Jornal do Brasil, O Globo, Jornal Hoje, entre outros.

CULTURA NEGRA

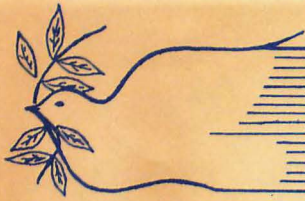
1 9 9 5

CEDIM



• Noticiário
da
Imprensa





COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ
DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Rua Capitão Chaves, 60 - CEP 26.220 Nova Iguaçu - Tels. 767-7677 - 767-2987

Documentos

os

CEDIM

02.05.2010



1996
CEDIM





COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ
DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Rua Capitão Chaves, 60 - CEP 26.220 Nova Iguaçu - Tels. 767-7677 - 767-2987

CEDIM



África do Sul passa a limpo a história do 'apartheid'

Comissão Verdade e Reconciliação começa a tomar depoimentos
que prometem trazer à tona as atrocidades do passado



POLICIAL SUL-AFRICANO imobiliza jovem negro na favela de Guguleto, na Cidade do Cabo: uma longa história de humilhações, violência e dominação

CORPO A CORPO

ARCEBISPO DESMOND TUTU

“Estamos começando a viver juntos como uma nação”

• Com Mandela preso, ninguém mais do que o arcebispo Desmond Tutu contribuiu para levar ao mundo a mensagem da maioria negra durante o “apartheid”. Agora, é ele quem preside a Comissão Verdade e Reconciliação, que apura os crimes. Em entrevista ao GLOBO, por telefone, disse que considera um milagre o caso da África do Sul.

O GLOBO: *Será possível reconciliar o país após tantos anos de apartheid?*

TUTU: Já se passaram quase dois anos de nossa eleição. Temos um Governo de união nacional, 11 idiomas oficiais, três hinos nacionais e do lado do Governo já fizemos avanços consideráveis em direção à reconciliação. O Governo é formado por pessoas que até 1990 estavam lutando umas contra as outras. Do lado do povo, vimos coisas impressionantes: durante a Copa Mundial de Rugby, recentemente, houve comemorações em todo o país pela vitória num esporte que até agora era eminentemente branco, na verdade, um esporte *afrikaner* (minorias brancas de origem holandesa, mais conservadora). Houve muita comemoração nas áreas negras. E quando ganhamos o campeonato de futebol também houve o mesmo. Estes são indícios de que estamos começando a viver juntos como uma nação.

• *O senhor teme que haja um sentimento de vingança quando as atrocidades do passado começarem a ser reveladas?*

TUTU: Já há famílias, como a de Steve Biko, que se opõem à comissão porque acham que lhes está sendo negada a justiça. Mas no momento temos dois julgamentos em curso — o de Eugene de Kokh e o do general Malan, ministro da Defesa do último Gover-

no do *apartheid*. Revelações de atrocidades estão sendo feitas quase diariamente na imprensa e não há sentimento de vingança.

• *Ainda há muito ódio racial no país?*

TUTU: Talvez alguns *afrikaners* que ainda se acham uma raça superior. Mas o que tem sido notável é a transição do *apartheid* para o que vemos surgir diante dos nossos olhos.

• *O Governo Mandela fará dois anos. Está correspondendo às expectativas?*

TUTU: Está se saindo muito bem. As pessoas do CNA não tinham nenhuma experiência no Governo, do qual eram excluídas por definição. Muitos pensavam que o país pegaria fogo. Mas o mundo viu com espanto e admiração como Nelson Mandela, com todo a dor que sofreu, demonstrou ter desejo de perdoar. Hoje vemos um país estável e próspero. Há áreas que não vão muito bem, como a da moradia, mas o Governo herdou um legado do terrível do regime anterior, como a má distribuição dos recursos, utilizados para sustentar um regime injusto. Muitos milhões foram gastos em guerras desnecessárias em Angola e na Namíbia. Você pode imaginar o que o país poderia ter sido se Nelson não tivesse passado 27 anos na prisão? Muitos diriam que os 27 anos ajudaram a torná-lo quem ele é hoje. Mas poderíamos ter nos beneficiado do grande homem que ele é muito antes. Foi um desperdício de recursos humanos e financeiros.

• *Em sua experiência pessoal, o que mais lhe marcou no passado?*

TUTU: Foi ver o sistema tentando atingir uma pessoa, atingindo sua família. É muito difícil suportar. Me marcou também ter ido

a locais de massacres, onde pessoas haviam acabado de ser assassinadas.

• *Há algo que o senhor gostaria particularmente de esquecer?*

TUTU: É difícil dizer ... Gostaria que o que houve com Steve Biko não tivesse acontecido. Assim como o que se passou com o advogado Mxingi e sua mulher. Isso não podia ter acontecido.

• *O senhor ajudou a mudar a África do Sul. Olhando para trás, o que teria feito de forma diferente?*

TUTU: Talvez devesse ter sido menos agressivo. Talvez tenha sido agressivo em lugares onde poderia ter me saído melhor sendo um pouco mais gentil. Talvez tenha sido intemperado. No processo machucam-se pessoas que não se quer machucar. É muito fácil achar que somos melhores do que aqueles a quem estamos atacando, que somos um enviado especial de Deus. São coisas em que às vezes fico pensando.

• *Esse é o país que resultou da luta de pessoas como o senhor e o presidente Mandela. O que virá depois? O que restará a fazer para as próximas gerações?*

TUTU: Consolidar a vitória do que se considera um milagre. Na verdade é um milagre, quando pensamos de onde viemos, é impressionante. Olhamos para coisas que acontecem hoje e perguntamos: por que esperamos tanto tempo por coisas tão normais, como as crianças irem às mesmas escolas. Por que esperamos tanto para chegar a esse ponto? Por que deixamos as pessoas sofrerem desnecessariamente e por tanto tempo?

Gabriela Máximo

• O ex-policia sul-africano Eugene de Kokh não gostava de negros. Na década final do *apartheid*, matou, torturou, realizou atentados e é acusado de ter cometido 122 crimes na época acobertados pelo regime racista de minoria branca. Agora, com os negros há dois anos no poder, De Kokh está disposto a confessar tudo. Assim como ele, milhares de pessoas que participaram da repressão nas décadas de 60, 70 e 80 na África do Sul começarão nos próximos dias a contar os crimes que cometeram à Comissão Verdade e Reconciliação, que durante 18 meses percorrerá o país apurando as atrocidades do passado, ouvindo as vítimas e oferecendo anistia aos criminosos que se dispuserem a sair da sombra para passar a limpo os acontecimentos de um dos regimes mais cruéis da História recente.

Até o fim da semana, 50 pessoas haviam procurado a comissão em busca de anistia. Espera-se que nos próximos dias outras duas mil, que já tinham entrado com pedido de imunidade antes de a lei que criou a anistia ser aprovada, também se apresentem. Por ironia, os criminosos do *apartheid* irão confessar seus pecados a um negro: o arcebispo Desmond Tutu, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz por sua luta contra o regime racista e foi escolhido para presidir a Comissão. As confissões serão voluntárias e até agora apenas os escalões mais baixos do antigo regime — a maioria integrantes das forças de defesa — se dispuseram a falar.

— Mas o que é importante é que, quando começarem a revelar seus crimes, essas pessoas vão, com certeza, incriminar outras, de escalão mais alto, e cada vez surgirão nomes mais importantes envolvidos — disse, por telefone, o jornalista Mondli Makhania, do jornal "The Star", de Johannesburg.

Comissão também ouvirá filiados do CNA

A Comissão Verdade e Reconciliação ouvirá todos os envolvidos nos conflitos políticos e raciais do passado, não apenas os que atuaram na repressão. O Congresso Nacional Africano (CNA), do presidente Nelson Mandela, está pedindo a seus filiados que se apresentem por considerar que nada tem a esconder sobre a luta armada que travou pela libertação. O Partido Nacional, que implantou o regime segregacionista, se apresentará em bloco.

No início de fevereiro, quando os 17 integrantes da comissão se reuniram para receber a bênção do arcebispo Tutu na Catedral de St. George, na Cidade do Cabo, o presidente Mandela pediu que os sul-africanos se unam para "sara as feridas do passado". Mas num país marcado por uma história de violência e humilhação as desconfianças persistem.

— Muitos temem que acabe existindo uma Comissão de Verdade e Vingança e que haja uma caça às bruxas. A verdade é um aspecto, mas a reconciliação é o que importa. Deve haver perdão.

Será um alívio para todo o país — acredita o jornalista Greg Darpagan, editor do jornal "The Mercury", da cidade de Durban, na Província de Natal, onde houve grandes massacres nos anos 80.

Só conseguirão anistia os que comprovarem ter cometido crimes por motivação política e garantirem estar contando a história completa, requisitos que muitos consideram subjetivos demais para assegurar a verdade.

— O fato de se levarem as pessoas a confessar não quer dizer que elas dirão a verdade, sobretudo quando terão a chance de incriminar outras pessoas. Além disso, nossos agentes de segurança não são particularmente famosos por falar a verdade — diz a diretora de pesquisa do Instituto de Relações Raciais de Johannesburg, Jill Wentzel.

Famílias de dois ativistas pedem indenização ao Estado

Os primeiros sinais de insatisfação já surgiram. Parentes de pelo menos dois ativistas negros assassinados entraram na Justiça pedindo que a anistia aos criminosos seja considerada inconstitucional. São as filhas do advogado Mxingi Griffith, da província de Kwazulu Natal, assassinado junto com a mulher; e a viúva de Steve Biko, mártir da resistência ao *apartheid*, torturado e assassinado em 1977 pela Polícia, cuja história foi retratada no filme "Um grito de liberdade", do diretor Richard Attenborough. As famílias se sentem traídas. Exigem punição para os culpados e indenização do Estado.

No outro extremo, o ex-ministro da Defesa, general Magnus Malan, se recusou a pedir anistia por considerar que agiu dentro da lei na repressão aos negros. Acusado de ter ordenado a matança de 13 pessoas — das quais cinco eram crianças — em Kwazulu-Natal, em 1987, tornou-se o primeiro integrante do alto escalão do antigo regime a ser julgado pelos crimes do *apartheid*. Assim como os trabalhos da Comissão Verdade e Reconciliação, o julgamento de Malan poderá fazer importantes revelações sobre como o regime racista operava.

Por isso, já se prevê forte constrangimento dentro do Governo de conciliação, liderado pelo CNA de Mandela, e compartilhado com o Partido Nacional. O último presidente branco da África do Sul, Frederik de Klerk, é o vice-presidente e há um bom número de brancos no Ministério. Nos dois anos de Governo Mandela, os sul-africanos vêm dando repetidas provas de tolerância racial. Um exemplo citado com frequência é o do advogado Griffith: seus algozes confessaram o crime em 1989 e não sofreram represálias por parte de parentes da vítima.

— Não acredito que vá haver vingança quando a Comissão começar a atuar. De um modo geral os sul-africanos têm sido muito condescendentes. Mas as pessoas querem conhecer a verdade sobre o que aconteceu — diz o jornalista Makhania. Ele mesmo cresceu vendo de perto a violência no bairro negro onde nasceu em Durban. ■

1997
CEDIM

A collage of four diamond-shaped images arranged in a larger diamond pattern. The top diamond shows a woman's face. The right diamond shows a camera. The bottom diamond shows a document with text. The left diamond shows a film strip.



COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ
DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Rua Capitão Chaves, 60 - CEP 26.220 Nova Iguaçu - Tels. 767-7677 - 767-2987

CEDIM



Kwanzaa, uma nova celebração nos EUA

Grupos negros saem à procura de suas raízes africanas para afirmar os padrões culturais da raça e garantir mudanças sociais

Cultura Negra

USA

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON -- "Kwanzaa Yenu Iwe Na Heri", dizem os cartões expostos nas farmácias de Washington, ao lado dos cartões de Natal e Feliz Ano Novo. A tradução, em letras menores, diz "Feliz Kwanzaa". Até pouco tempo atrás, poucas pessoas sabiam o significado de Kwanzaa, uma celebração

não religiosa afro-americana. Hoje, calcula-se que 10 milhões de americanos celebram a Kwanzaa anualmente entre os dias 26 de dezembro e 1º de janeiro.

A Kwanzaa (a palavra se origina de uma expressão que significa primeiras frutas) foi inventada em 1966 pelo professor negro Maulana Karenga, baseando-se em tradições de festivais de colheita de várias culturas africanas. Karenga é um

líder afro-centrista que prega que "uma mudança social revolucionária para a raça negra nos Estados Unidos só pode ser conquistada através da revelação, para os negros, de sua herança cultural".

Como o Natal e o feriado judaico Hanukah, também celebrado no final do ano, a Kwanzaa é uma festa tão comercial quanto social: presentes e comes e bebes são parte

integral do processo — com significado especial. Segundo Karenga, os presentes significam a capacidade de conquista (ou o poder econômico) dos negros hoje.

Na Internet há diversas páginas repletas de sugestões para presentes propriamente afrocêtricos. Alguns exemplos são *Origens* — uma história das contribuições dos povos negros à história desde o ano 200 mil

a.C. — e livros com títulos como *A Origem Africana da Psiquiatria Biológica*, *A História Desconhecida do Islã* e *Herança Roubada*.

Organizadores de uma feira anual em Nova Iorque de produtos relacionados à Kwanzaa — da qual participam firmas como Pepsi, Revlon e AT&T — calculam que o mercado dedicado ao feriado já ul-

trapassou US\$ 100 milhões por ano. Desde 1992, a maior e mais tradicional empresa de cartões dos Estados Unidos, a Hallmark, lançou uma linha dedicada exclusivamente à Kwanzaa. Já existe uma espécie de Papai Noel para a Kwanzaa, que é um contador de histórias encarregado de manter viva a tradição oral africana, chamado Nia Umoja.

Um ritual muito rico e detalhado

Em seus 29 anos de existência, a Kwanzaa desenvolveu tradições e símbolos próprios. Como a árvore no Natal, a celebração acontece ao redor de uma esteira de palha (*mkeda*, simbolizando a fundação da sociedade), sobre a qual se coloca um candelabro parecido com a menorah judaica (*kinara*, representativa do eixo do qual a vida surge) de sete velas (*mshumaa* — cada uma simbólica dos sete princípios julgados chaves para a sociedade negra: unidade, autodeterminação, trabalho coletivo, economia cooperativa, propósito, criatividade e fé).

Também se coloca sobre a esteira uma cabeleira de milho para cada criança da família (*muhindi*, que significa reprodução) e uma xícara (*kikombe cha umoja*), da qual todos os participantes da celebração bebem, num gesto de unidade. Finalmente, a sala deve ser decorada com uma bandeira vermelha, preta e verde — da Nação Negra. As cores, que representam o sangue, a cor da pele e a cor da terra da raça negra também são representadas pelas sete velas.

A celebração dura sete dias, um para cada um dos sete princípios. Todas as noites, uma vela é acesa, e um presente dado às crianças. Na noite do dia 31 de dezembro, a família toda deve se reunir para uma refeição especial. Como era de se esperar, há vários livros no mercado de receitas especiais para a Kwanzaa. Para quem preferir não cozinhar, há sempre o McDonald's — que já usa Kwanzaa em comerciais para a televisão, assim como várias outras empresas procuram explorar comercialmente o feriado.

Alguns americanos, porém, vêm no advento da Kwanzaa motivo de preocupação. Dois anos atrás, foi notícia nacional quando um negro e sua mulher, branca, foram expulsos de uma festa de Kwanzaa num clube no bairro negro de Roxbury, em Boston, porque os organizadores insistiam em manter o evento puro. “Este é um evento fechado. É um momento para reafirmarmos nossa identidade africana”, disse a organizadora, Zakiya Alake.

O criador da Kwanzaa, Karenga, protestou contra a decisão tomada em Boston, mas não foi o suficiente para esconder as tensões que o movimento que procura dividir negros e brancos provoca na sociedade. O próprio Karenga, que estabeleceu a Kwanzaa após o quebra-quebra no bairro negro de Watts, em Los Angeles, na década de 60, escreveu: “Quanto mais você aprende, mais ressentimento sentirá do homem branco”, que segundo ele é traçoeiro, quer emascular o negro e estuprar as mulheres negras. A Kwanzaa, disse ele, “é um ato político de autodeterminação”.

É verdade que hoje a Kwanzaa cresceu e perdeu boa parte de seus ângulos revolucionários. Milhares das famílias que celebram Kwanzaa são de classe média, profissionais completamente integrados na sociedade americana de hoje, sem revolta pelos crimes do passado, dispostos apenas a inculcar em seus filhos um senso de orgulho por sua rica cultura. O problema, porém, é que a Kwanzaa — que, note-se bem, não existe em qualquer país da África — celebra de fato uma história fabricada na imaginação de um americano revoltado. (F.S.)

Zumbi Vivo

BENEDITA DA SILVA *

O sonho de liberdade e igualdade pelo qual Zumbi dos Palmares deu sua vida há trezentos anos continua, infelizmente, sendo um sonho para milhões de negros e negros do Brasil atual.

O modelo econômico concentrador de renda aliado à discriminação racial predominante no país mantém as populações negras presas à base da pirâmide social. Se percorremos todos os índices sociais veremos que o negro ocupa sempre a pior posição. O estigma da escravidão marcou tão fortemente a nossa pele que a situação subordinada do negro na sociedade é vista como uma coisa "natural". O Brasil branco ainda não reconhece o Brasil negro como compatriota, parceiro da nacionalidade. Enquanto esses brasis não estiverem unidos por um mesmo ideal, construindo o mesmo projeto nacional, nosso país não assumirá sua verdadeira identidade nem atingirá o seu destino de grande nação.

A ascensão do negro na sociedade está quase totalmente bloqueada, constituindo-se numa árdua corrida de obstáculos para aqueles poucos que conseguem uma oportunidade. Sendo a mobilidade social a principal característica de uma sociedade democrática, pode-se aferir o quanto nosso país está distante desse ideal.

Existe uma relação de dependência entre a estratificação social e a discriminação racial. Quanto maior a discriminação racial maior a exclusão social. A discriminação alimenta a exclusão e nega a cidadania. Zumbi hoje significa, portanto, a luta contra o racismo que, sob formas sutis ou ostensivas, discrimina o negro na sociedade.

Entretanto, a integração social e a aceitação do negro não decorrerão do consentimento benevolente do poder branco. Do mesmo modo que o fim da escravidão foi conseqüência de transformações econômicas e da luta de negros e brancos anti-racistas, e não da boa vontade da princesa Isabel, também a integração multirracial do Brasil será fruto da luta democrática e de transformações econômicas e culturais. Sem a crescente consciência e participação dos segmentos negros estes não conseguirão a pressão política necessária para derrotar o racismo e conquistar oportunidades na sociedade.

Zumbi hoje é a luta pela cidadania negra, para que as populações negras sejam respeitadas, tenham as mesmas oportunidades e o Brasil assuma, finalmente, a sua identidade multirracial. Nos últimos anos têm crescido a consciência e a autoestima dos negros, condições fundamentais da luta. Pesquisas etnológicas, culturais e sociais são feitas para se construir a nossa identidade histórica. Com muito esforço e determinação, já que o

negro tem que provar sua capacidade a cada passo, cresce o número de intelectuais, profissionais liberais e empresários negros. Contudo, para a esmagadora maioria dos negros, a ascensão social continua sendo aquela estrada engarrafada de sempre.

Em todas as áreas temos que intervir politicamente para mudar essa realidade. É necessário aumentar a nossa força, conquistar aliados e influenciar crescentemente a sociedade. A definição da propriedade da terra para os remanescentes dos quilombos, por exemplo, além de ser uma forma específica de reforma agrária representa um avanço concreto da cidadania negra.

Quanto maior a força política do negro mais condições ele terá para fazer valer na prática os direitos constitucionais. A defesa dos direitos à moradia, emprego e educação constitui o caminho principal da emancipação social e racial. Nesse sentido a eleição de parlamentares e governantes negros é o meio mais eficaz para que os segmentos negros, em seu conjunto, ampliem seu espaço de intervenção e melhorem suas condições de vida. O fortalecimento da representação política do negro contribui ainda para que este último se identifique mais com o país que, embora seja de todos os brasileiros, continua ignorando o negro. O maior fator da unidade nacional é a cultura onde, paradoxalmente, a contribuição negra foi decisiva.

Zumbi hoje é a luta pela paz, contra a violência e pelo respeito aos direitos humanos. No momento em que o Rio de Janeiro se prepara para marchar unido contra a violência a opinião pública deve assumir seu papel e cobrar das autoridades a renovação ética e material da polícia, o respeito aos direitos humanos das populações de baixa renda, a construção de moradias populares, a geração de empregos e a prestação de serviços públicos, como educação, saúde e transportes, nas comunidades carentes. A paz só floresce num ambiente com autoridade democrática e integração social e sem discriminação racial.

Rei Zumbi,

JORNAL HOJE

Data 19 / 11 / 95

Caderno 101 Pág. 6

300 anos depois

Cleide Cavalcante

Foi há 300 anos, num dia 20 de novembro. Encurralado pelos homens do violento sertanista Domingos Jorge Velho, chamado pelo governo pernambucano para acabar com os ajuntamentos de negros fugidos na região, Zumbi dos Palmares, 40 anos, ainda tentou resistir, apesar de contar apenas com 20 guerreiros a seu lado. O grupo foi dizimado em poucas horas e Zumbi teve sua cabeça espetada num poste da praça principal do Recife. Ali, o sonho do líder negro dos Palmares ganhava a imortalidade, traduzida nos rituais ocultos e na resistência de seus seguidores em busca de um país livre e independente.

A história de Zumbi não é conhecida por completo. Seu nome era Francisco, e ele nasceu livre dentro do Quilombo dos Palmares. Era filho de Aqualtune, uma princesa africana que morreu antes que o filho começasse a andar. Até os 15 anos de idade, foi criado por um padre — com quem aprendeu português, latim e religião — e resolveu fugir de volta para sua gente em Palmares.

Na linguagem africana, Zumbi quer dizer **gênio do mal e senhor da guerra**. Aos 17 anos, Zumbi já se destacava em Palmares como líder. Não tinha exatamente o perfil de um guerreiro, era magro e baixo e, de acordo com os relatos históricos, teve cinco filhos. Provavelmente teve uma mulher branca. Sua valentia foi determinante na luta pelos ideais de liberdade de seu povo.

Zumbi era sobrinho e herdeiro de Ganga-Zumba, fundador da República dos Palmares. Em 1678, Ganga-Zumba foi até Recife para tentar um acordo de paz com o governador de Pernambuco, Aires de Souza e Castro, que recorrera à violência para conter as fugas em massa dos escravos. Em Palmares, as opiniões sobre o pacto divergiram intensamente. Entre os descontentes estava Zumbi, que passou a liderar um grupo disposto a resistir.

Zumbi treinou e organizou suas tropas com esmero, conquistando a vitória de seu povo em inúmeras batalhas. Era um guerreiro nato, conseguiu escapar ao duro combate, em 1694, quando Palmares foi totalmente dizimada. Embrenhou-se pela floresta com um pequeno grupo e resistiu durante nove meses. Mas o cerco, comandado pelo

bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, foi apertando cada vez mais. Até que um de seus companheiros foi capturado, torturado duramente e, não resistindo, delatou seu líder.

Três séculos depois de sua morte, Zumbi continua como símbolo de luta de um povo oprimido, e tem sua vida contada de geração a geração. Como a documentação original da época é escassa, nem todas as histórias que se contam do líder guerreiro podem ser tidas como reais. As provas da existência de Zumbi dos Palmares estão limitadas a algumas correspondências resgatadas pelos historiadores, mas sua luta é lembrada a cada 20 de novembro, **Dia Nacional da Consciência Negra**. E agora o governo começa a distribuir nas escolas uma cartilha contando a história do Quilombo dos Palmares.

Ganga Zumba foi o grande primeiro líder

A formação do Quilombo dos Palmares começou no final do século XVI, quando negros revoltados com a condição de escravos fugiram para as florestas. Foi justamente na Serra da Barriga, em Alagoas, que um maior número de rebeldes se concentrou. Nos primeiros anos do século XVII, o Quilombo já estava organizado e, segundo conta a História, os negros ali refugiados eram africanos trazidos para o Brasil e, posteriormente, índios e brancos pobres. O primeiro líder dos Palmares de que se tem conhecimento foi Ganga-Zumba, tio de Zumbi.

A área total dos Palmares compreendia uma faixa de 150 quilômetros de comprimento e 50 de largura, entre os Estados de Alagoas e Pernambuco. Grande parte desse território era coberta por palmeiras — daí o nome — e de difícil acesso. Segundo os holandeses, que exerceram o domínio de Pernambuco entre 1630 e 1654, havia em Palmares duas colônias com 6.000 habitantes. Após 1670, os portugueses afirmavam a existência de mais de 20 mil refugiados na região. E ainda, que o quilombo desenvolveu-se em nove cidades ou mocambos. No entanto, os historiadores ainda hoje apresentam dados divergentes sobre a localização exata das aldeias e o número de pessoas que ali habitavam. Mas é consenso a cidade tida como capital dos Palmares, Macaco, na Serra da Barriga.

Palmares desenvolveu-se muito bem graças a organização avançada. Ali eles plantavam milho, batata, mandioca e fumo. Essa produção era trocada com os vizinhos por munições, ferramentas, tecidos e sal. Sabe-se também que a vida nos Palmares não era de total liberdade para todos. Negros que eram levados à força para os mocambos permaneciam como escravos e só eram libertados caso levassem outros para ocuparem seus lugares.

No entanto, a condição de liberdade incomodava profundamente os senhores de escravos. Com duas agravantes: os negros, além constituírem, segundo eles, exemplo para escravos ainda em cativeiro, de viviam na porção de terra mais fértil dos Estados de Pernambuco e Alagoas. Então, a cobiça destes senhores falou mais alto e começou a guerra.

Versão sobre a escravidão em Palmares ainda causa polêmica

Uma das versões mais polêmicas sobre a história do Quilombo dos Palmares é a de que os próprios negros escravizaram os negros. Mas isso não é verdade, afirma o coordenador geral do Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira, Jayro Pereira. De acordo com registros históricos da época, os negros do Quilombo dos Palmares invadiam as fazendas dos senhores brancos para raptar os escravos, que então passavam a trabalhar para eles. No livro "Brasil História", os escritores Antônio Mendes Júnior, Luiz Roncari e Ricardo Maranhão contam que, no caso de uma incursão dos Palmares contra alguma fazenda, só os negros que se recusassem a se unir aos fugitivos eram feitos escravos, "até que concordassem em libertar mais algum cativo". Os autores observam, ainda, que muitos senhores das redondezas entravam em acordo com os quilombolas,

para manter uma convivência pacífica, e os lavradores e mascates entravam em acordo com negros para trocar seus excedentes agrícolas por armas e utensílios. Para o coordenador de formação da União de Negros pela Igualdade, Juarez Tadeu de Paula Xavier, esse tipo de "escravidão temporária" só existia porque o quilombo estava em estado de guerra. Mas era um sistema bem diferente da escravidão usual na época, acrescenta, enquanto o vereador Vital Nolasco, coordenador da União de Negros pela Igualdade, observa que se tratava apenas de "um período de reeducação".

Acontece, segundo o ex-reitor da Unicamp Carlos Vogt, que naquele tempo "o trabalho escravo era um trabalho por excelência e esse valor se enraizou, era uma questão da ordem vigente". A antropóloga Mari de Nazaré Baiocchi concorda e afirma que a escravidão no

Quilombo dos Palmares "faz parte de um sistema social que se chama escravatura e perspassou a Humanidade em diversas épocas". Em Roma, por exemplo, conclui, "brancos escravizavam brancos". Como eram experientes no trabalho agrícola, os negros garantiam a subsistência graças às plantações de milho, mandioca, bananas, feijão e batata-doce, principalmente. Alguns relatos históricos dão idéia da importância que essas plantações tinham, a ponto de o rei D. Pedro II recomendar o ataque ao quilombo em data que coincidissem com a época de colheita dos negros, a fim de garantir o abastecimento dos soldados. As aldeias que formavam o quilombo eram chamadas de mocambos - ajuntamentos de casas primitivas cobertas de folhas de palmeira. No Mocambo do Macaco havia uma capela com imagens de divindades católicas, e ali rezavam-se orações cristãs.

Bibliografia

- "Os Africanos no Brasil", Nina Rodrigues, Cia. Editora Nacional, SP, 1932;
 "A Escravidão Africana no Brasil", Perdigão Malheiros, Editora Obelisco, SP, 1964;
 "Brasil História - Volume I - Colônia", Antônio Mendes Jr., Luiz Roncari e Ricardo Maranhão, Edit. Brasiliense, 1976;
 "Quilombo dos Palmares", Edison Carneiro, Edit. Brasiliense, 1947;
 "Reino Negro dos Palmares", Mário Martins de Freitas, Biblioteca do Exército, Rio, 1988;
 "Dicionário das Batalhas Brasileiras", Hernani Donato, Ibrasa, SP, 1986; "Vida e Morte de Zumbi dos Palmares", Décio Freitas, D.O. Leitura, SP, janeiro de 1988;
 "Grandes Personagens da Nossa História", volume 1, Edit. Abril Cultural, SP, 1969;
 "História do Brasil", José Francisco Rocha Pombo, W.M. Jackson Inc. Edit., RJ, 1935.

Marcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



Zumbi dos Palmares

Os heróis do povo brasileiro foram todos mártires. Em outras palavras: foram homens que sacrificaram as suas vidas por causas que hoje consideramos justas mas que, ao tempo em que viveram, eram vistas pelo poder dominante como uma ameaça tão grande que mereciam a pena de morte. Foi assim com Tiradentes, precursor da Independência, foi assim com Chico Mendes, defensor das florestas e do seu povo. Talvez assim se julgue no futuro a Juscelino Kubitschek, herói cívico em formação, defensor da democracia e da industrialização, que morreu em circunstâncias que permitem mitificar o acidente que o levou.

É na qualidade de mártir da liberdade dos escravos que amanhã se reverencia Zumbi dos Palmares, líder de uma república negra que durou quase cem anos, morto há três séculos. Pela primeira vez nas comemorações do 20 de novembro, o Grande Chefe Branco não estará repetindo o paulista Domingos Jorge Velho. Não subirá as encostas da Serra da Barriga para semear a destruição, em busca de ganhos materiais. Tampouco lá estará para um teatro demagógico de falsa solidariedade para com os descendentes dos escravos. Irá como um intelectual militante, solidário no combate contra as discriminações raciais, que já contribuiu para escl-

recer os mecanismos usados pelas classes dominantes, brancas ou assemelhadas, para conservar os negros em posição de inferioridade.

O interesse de Fernando Henrique pelo passado escravagista e pela inserção dos negros no modo de produção capitalista-mercantil e capitalista-industrial é anterior à etapa política de sua vida. No final de sua tese de doutorado, "Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional", referente ao Rio Grande do Sul, escreveu:

"O preconceito apareceu no novo contexto como uma técnica de ajustamento entre os grupos étnicos, a partir do reconhecimento prévio e necessário da existência de desigualdades sociais, expressa sob a forma de desigualdades naturais. A maior parte dos negros ratificou essa situação pela aceitação do 'ideal de branqueamento' e pelo estímulo a uma

'ideologia de compromissos'. A tentativa de formulação de uma 'ideologia da negritude' e a luta contra o preconceito foram os recursos utilizados para a ressocialização do negro, para a tentativa de reeducação dos brancos e para a transformação das condições morais e materiais de existência da comunidade negra. Esses esforços constituíram as tentativas mais grandiosas que os negros rio-grandenses puderam empreender como um momento de sua luta contra a alienação social."

Além de Fernando Henrique e Florestan

Fernandes, a maioria dos historiadores, sociólogos e economistas da elite universitária brasileira e muitos ingleses e americanos estudaram a situação do negro na economia e na sociedade. Todos explicaram por que a Abolição em pouco mudou a posição da raça negra na sociedade brasileira e as estruturas que a inferiorizaram no mercado de trabalho.

O que ninguém fez ainda, ao que eu saiba, foram propostas de políticas públicas ativas que tenham como objetivo a promoção econômica e social dos negros. Nos Estados Unidos, onde o problema da desigualdade é semelhante ao nosso, os presidentes e os parlamentares democratas aprovaram uma série de leis deste tipo. Há, por exemplo, quotas mínimas para os negros nas universidades e empresas, públicas e privadas, que recebem recursos federais. No Brasil, se alguém propuser promoções deste tipo, não faltarão membros da nossa classe dominante que os acusarão de racismo às avessas.

Basta andar de avião ou freqüentar bons restaurantes para se constatar que a propalada democracia racial brasileira é, na verdade, um implacável **apartheid** econômico. Negro, voando, só se for das Forças Armadas, sacerdote, artista, jogador de futebol ou funcionário de uma grande estatal.

No Congresso, todos ficam satisfeitos com a presença de Benedita da Silva, **token negro** do Senado, que tratam de mandar em missões oficiais para mostrar a nossa falta de preconceito.

Quem sabe se não recebemos de um Zumbi dos Palmares redivivo?

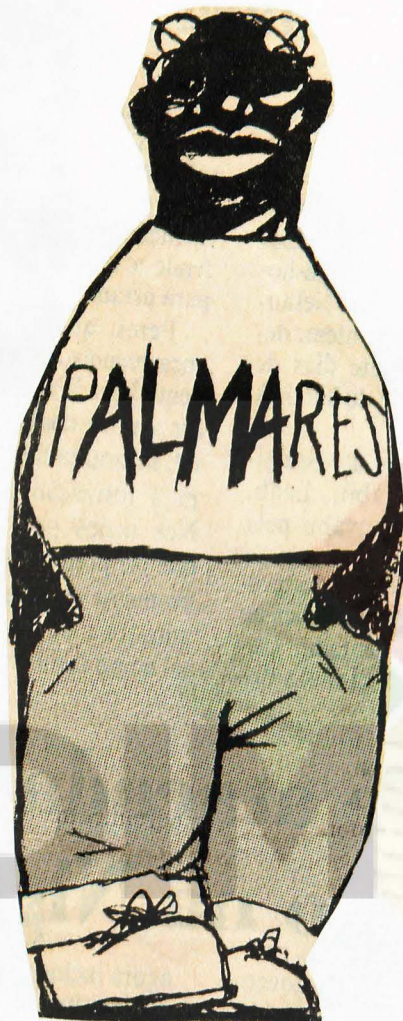
Tricentenário de Zumbi

MOACIR WERNECK DE CASTRO *

O dia 20 de novembro foi proclamado Dia Nacional da Consciência Negra. Este ano, faz três séculos, morreu Zumbi dos Palmares, herói brasileiro de origem africana que tem o porte, ainda não devidamente reconhecido, de um Tiradentes. Vamos homenageá-lo como merece. Vamos lembrar o seu exemplo de bravura e de luta, o ideal da liberdade que ele defendeu, o símbolo que soube encarnar, e tudo isso lembremos como remédio contra o torpor de convencionalismo em que andam envolvidos e neutralizados os grandes valores de nossa história.

Não tenhamos receio de parecer solenes, ou demasiado grandiloqüentes. A homenagem que devemos ao grande homem negro não é uma zumbala diante de uma estátua. É um ato de respeito a um herói autêntico do passado. E ao mesmo tempo um ato de esperança no futuro, que o nosso presente ainda compromete.

O quilombo dos Palmares foi a epopéia maior da resistência à escravidão. Durou cerca de um século. Começou quando o Brasil ainda mal tinha cem anos de descoberto, atravessou o domínio holandês e terminou com a morte de Zumbi, em 20 de novembro de 1695. Foi destruído a ferro e fogo por uma força mercenária a serviço dos grandes fazendeiros escravocratas, mas mostrou que o caminho da liberdade era precisamente aquele, o mais difícil, o mais duro.



A pesquisa histórica ainda não coligiu todos os materiais que nos permitam uma visão completa sobre Palmares. Muito se perdeu irremediavelmente com a devastação do solo pela cultura canieira e o aberto propósito de relegar o "episódio" ao esquecimento. Mas novos elementos vêm sendo colhidos, num trabalho em que se destaca a Fundação Cultural Palmares.

A figura de Zumbi se sobrepõe à lenda, para resgatá-lo em seu valor genuíno de agente da transformação histórica. O herói se agigantou quando a realidade mostrou que o acordo de paz era impossível. Seu antecessor na liderança do quilombo, Ganga Zumba, foi enganado pela miragem com que acenaram fraudulentamente os representantes da ordem escravista. Em troca da rendição, os palmarinos tiveram prometido um bom tratamento, a demarcação de terras que poderiam cultivar e a devolução de mulheres e filhos tomados como reféns. Mas a paz, concluída por Ganga Zumba em 1678, foi um miserável engodo. Pouco depois o líder morreu envenenado, e Zumbi, com 25 anos, assumiu seu lugar. Não havia outro caminho a seguir senão continuar a resistência.

Sucessivas expedições foram mandadas contra o quilombo, um verdadeiro estado negro, que não se rendia. Temia-se na província de Pernambuco, à qual pertencia então a região de Palmares, que eclodisse uma rebelião geral de escravos. Em desespero, os governantes recorreram ao bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, que se fixara no Nordeste, caçando índios. Ante a superioridade de armas do exército colonial, o quilombo acabou derrotado. Os escravocratas chegaram até o reduto de Zumbi, que foi assassinado e degolado. Teve sua cabeça exposta no Recife, no alto de uma vara — para escarmento —, como seria a de Joaquim José da Silva Xavier menos de cem anos depois.

O exemplo de Palmares, exemplo de luta e de inconformidade com o escravismo, teve importância decisiva para a abolição desse regime que cobriu o Brasil de infâmia. Ao mesmo tempo que a inviabilidade econômica do regime se exauria irremediavelmente, as fugas de escravos e o estado de inquietação permanente levavam os fazendeiros ao pânico e à sensação da fatalidade da derrota.

Muito mais do que transparece da história convencional, o movimento abolicionista nas cidades, representado por figuras que eram ovelhas desgarradas da classe dominante branca e mestiça, tem um elo bastante nítido com a resistência brava dos negros dos quilombos. Houve uma interação. A campanha abolicionista estimulou as fugas. Criaram-se sociedades secretas, estabeleceu-se um vínculo entre a propaganda e ação clandestina.

A lenda de Zumbi alimentou, sobretudo, a esperança de libertação, à qual os escravos não renunciavam, por maior que fosse a crueldade dos castigos, não raro aplicados até preventivamente, para dissuadir as tentativas de fuga.

Graças à tradição de luta e de rebeldia em que negros e índios foram as grandes vítimas de uma sociedade ferozmente injusta, o Brasil pôde resgatar um sentimento de dignidade que, sem essa chama, errática mas sempre viva, estaria perdido para sempre.

Não quer isso dizer, entretanto, que possamos descansar numa auto-complacência

gostosa, quando os remanescentes do escravismo continuam a atingir uma enorme parcela da nossa população. É um escândalo que a cada momento ainda surjam denúncias de trabalho escravo na terra monopolizada por uma minoria, sem poupar crianças e adolescentes. É um escândalo que o preconceito racial continue a hostilizar e marginalizar a massa negra, que constitui neste país a grande maioria dos excluídos, dos explorados, dos miseráveis, dos analfabetos, dos condenados nos carandirus da vida — e da morte.

Temos para com Zumbi, os brasileiros de hoje, esse povo tão marcadamente afro-brasileiro, uma dívida enorme. Quando a escravização do homem pelo homem era ainda uma instituição legal, abençoada pela ordem monárquica e colonizadora, pelo Direito e pela igreja, ele foi o guerreiro e mártir anunciador da liberdade destinada, um dia, a abrir as asas sobre nós.

Abdias — Um registro especial a propósito da data: está sendo lançado simultaneamente, nestes dias, em Nova Iorque, Washington, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, o livro *Orixás — Os deuses vivos da África*, de Abdias do Nascimento. É uma bela edição bilingüe (português e inglês), que reflete, através da pintura e da poesia desse líder do movimento negro, uma visão abrangente da cultura religiosa de origem africana no Brasil, com textos de outros autores a complementá-la. Abdias é um paradigma do intelectual negro, admirável nos transportes do seu fervor apostolar, na sua condição de "artista, pensador e filósofo que combina em suas obras todos os elementos da cultura africana", como frisa na apresentação Molefi Kete Asante. Juntamos aqui a nossa homenagem a esse intelectual, neto de africanos escravizados, em cuja forte personalidade está presente a herança de Zumbi.

Escravidão hoje

MARCELO PAIXÃO*

Este ano diversas entidades ligadas à luta anti-racista vão realizar uma série de manifestações lembrando os 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares. De fato, o martírio dos Quilombos (de Palmares e de tantos outros) pela liberdade não pode jamais ser esquecida por nós brasileiros. Seja pela necessidade de mantermos vivas as tradições de luta e dignidade de nosso povo, seja porque, infelizmente, a escravidão no Brasil ainda não tenha sido enviada de vez para as páginas longínquas da história. Ou seja, em pleno 1995 ainda existe trabalho escravo em nosso país.

A natureza do trabalho escravo no Brasil dito moderno difere das formas que as relações escravistas assumiam no período colonial e imperial. Não se trata mais de buscar negros à força na África em navios-negreiros. Trata-se agora de uma situação absolutamente ilegal onde grupos de trabalhadores são aliciados por agenciadores (gatos) de mão-de-obra para trabalharem em lugares muito distantes de

seus locais de origem, na grande maioria das vezes em propriedades rurais longe das cidades.

Chegando ao seu destino estes trabalhadores, antes mesmo de pegarem no serviço, já chegam devendo para seus empregadores (gato e/ou empresa): o transporte, o alojamento, a comida, entre outras cobranças. Como o salário a ser recebido no mês é pequeno, em geral pouco mais de um salário mínimo, os trabalhadores não conseguem pagar suas dívidas. Com isso, estes ficam impedidos de sair da localidade onde estão até pagarem o que "devem", o que demora a acontecer pois todo mês chegam novas contas de alimentação, alojamento, etc. Para garantir que os trabalhadores honrem estas dívidas forçadas, são montados esquemas paramilitares repressivos impedindo que os empregados vão embora. Estes esquemas chegam ao absurdo de contar com a participação aberta e velada das forças policiais locais. Por fim, mesmo que os trabalhadores consigam escapar destes aparatos, muitas vezes não conseguem voltar para casa dado que as frentes de trabalho freqüentemente ficam a mais de 100 quilômetros de distância de alguma cidade próxima e a mais de 2.000 quilômetros de seus locais de residência.

Muitas pessoas talvez acreditem que esta realidade é pontual e localizada, absolutamente fora da global realidade brasileira. Contudo, os dados disponíveis, que certamente são subestimados, apontam que o trabalho escravo é uma prática bastante freqüente no Brasil. O sociólogo José de Souza Martins (USP) levantou dados indicando que nos últimos 20 anos foram verificadas a escravização de mais de 85 mil pessoas, sendo que, destas, 40 mil eram crianças e adolescentes. A Comissão Pastoral da Terra apontou que somente em 1994 foram encontrados 28 casos de trabalho escravo no Brasil envolvendo mais de 25 mil trabalhadores. A CUT inaugurou, no final de junho deste ano, um serviço de denúncias de casos de trabalho escravo. Em menos de 4 meses de funcionamento este serviço já recebeu mais de 60 denúncias, sendo que em 12 casos foram comprovadas a escravização de trabalhadores.

A Constituição brasileira prevê punições para os responsáveis pelas práticas de trabalho escravo. Contudo, neste âmbito duas questões saltam aos olhos. Em primeiro lugar, a inexistência de dispositivos legais claros definindo as modernas práticas de trabalho escravo que, como vimos, é diferente do que ocorria nas épocas colonial e imperial. Em segundo lugar, deveria existir um processo de moralização do aparato judiciário e policial, responsabilizando criminalmente não somente as empresas e aliciadores que adotem esta prática, como também os profissionais do poder público que acobertam e se omitem perante esta questão.

Por todas estas razões percebemos que após 300 anos do assassinato de Zumbi seus propósitos continuam bastante atuais. A existência da prática da escravidão no país envergonha a nação. Nos fazem também lembrar que, infelizmente, o Brasil ainda continua a ser uma grande promessa, e nada mais do que promessa, de liberdade para seu povo.

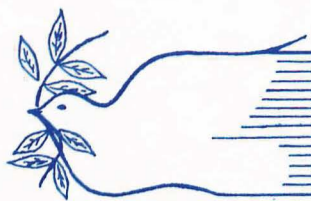
* Economista (UFRJ) e Mestre em Engenharia de Produção (Coppe/UFRJ); Pesquisador da Fape



Monumento a Zumbi dos Palmares, no Rio

Diversos

CEDIM



COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ
DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Rua Capitão Chaves, 60 - CEP 26.220 Nova Iguaçu - Tels. 767-7677 - 767-2987



MOVIMENTO DE CULTURA NEGRA DE MORRO AGUDO

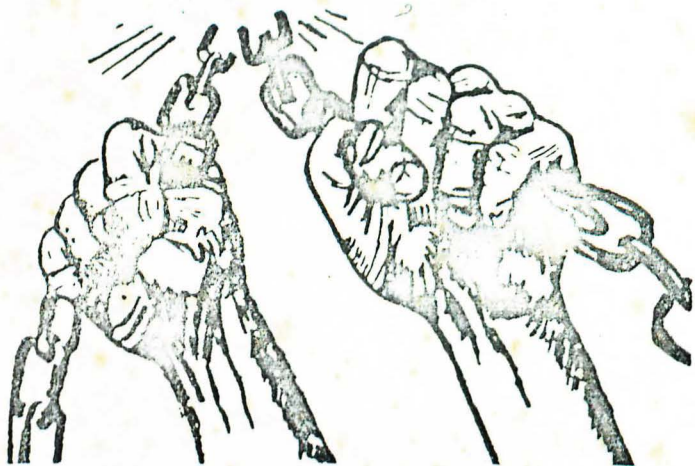
M. Agudo

31-10

PELA LIBERDADE
19 HS



CIEP. OURO FINO



2 DE DEZEMBRO:

DIA MUNDIAL DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO

SOB TODAS AS SUAS FORMAS

No quadro do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, foi criado, em 1974, o Grupo de Trabalho Sobre a Escravidão que depende da Comissão dos Direitos Humanos. Este grupo se reuniu este ano, pela décima vez, em Genebra (Suíça), de 30 de julho a 3 de agosto. Para lembrar o 35º aniversário da Convenção para a repressão do tráfico de seres humanos e da exploração da prostituição alheia (O.N.U., 2/12/1949), recomendou-se que o dia 2 DE DEZEMBRO seja proclamado, a partir de 1984, "DIA MUNDIAL DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO SOB TODAS AS SUAS FORMAS".

O Brasil ratificou a dita Convenção em 1958. Entretanto, quase ninguém sabe da existência dela e, o que é pior, a prática atenta vergonhosamente contra os seus 28 artigos (1).

O que fazer concretamente para o dia 2 de dezembro?

- A) Divulgar o texto e o espírito da Convenção Abolicionista Internacional através dos meios de Comunicação Social, insistindo sobretudo nos artigos 1,2,16 e 17.
- B) Este ano, o dia 2 de dezembro coincide com o primeiro domingo do advento. É uma excelente oportunidade para conscientizar as comunidades cristãs.
- C) Organizar debates sobre as causas que levam uma pessoa a se prostituir e que dificultam sua reinserção social.
- D) Ler e divulgar "O Grito de Milhões de Escravas, A cumplicidade do silêncio, ed. Vozes, Petrópolis, 1983, 220 p. Este livro, de inspiração abolicionista, estuda o problema da prostituição no Brasil e apresenta sugestões para iniciar uma Pastoral da Mulher Marginalizada.
- E) Fazer uma assinatura a Mulher Libertação, boletim nacional da Pastoral da Mulher Marginalizada (Cx. postal, 123, 16400 - LINS - SP).
- F) Convidar todas as pessoas que simpatizam com os objetivos do "dia mundial da abolição da escravidão" a ostentarem, no dia 2 de dezembro, uma corrente (de plástico, p. ex.) com um elo quebrado (em sinal de libertação) colocando-a no seu carro, na janela da casa, no altar, etc...

Contando com a sua pronta e eficiente colaboração, mando-lhe o meu fraterno abraço na esperança que surja logo um Mundo Novo onde não haverá mais escravos e mestres mas irmãos unicamente.

Pe. Dr. Hugo d'Ans
Cx. postal, 123
16400 - LINS - SP

(1) Anexo: Texto da Convenção Abolicionista Internacional.

R E M :
INSTITUTO TEOLÓGICO DE LINS
- 1ª Et. -
Caixa Postal: 123
LINS (SP) 16400



IMPRESSO

W. Frei Adriano Hipólito, O.F.M.
Cx. postal, 77.285
26.000 - Nova Iguaçu - RJ.



- b) Testar as suas emoções através de um treinamento especializado (sociodrama, etc...)
- c) Montar cuidadosamente as várias partes da ação direta para que seja NÃO-VIOLENTA (papel fundamental do "COMANDO" neste aspecto)

Vários exemplos de ação direta:

- a) Não-cooperação com o sistema
- * greve - não cooperação dos trabalhadores. Deixar de trabalhar.
 - * boicote - organizar a não-cooperação dos consumidores. Deixar de comprar essa ou aquela mercadoria, ou em determinadas lojas.
 - * operação cidade-parada - pedir à população ficar em casa durante um dia. Não trabalhar, não circular, nem de carro, nem a pé... Foi o que o SERPAJ-URUGUAI conseguiu fazer, em boa parte, em Montevidéu durante um jejum famoso que relançou a luta popular no país.
- b) Intervenção direta
- * ocupação de lugares
 - * obstrução - fechar uma via pública, uma entrada, etc... Aí já se começa a entrar na ilegalidade.
- c) A desobediência civil
- * que consiste em paralisar todo o país entrando maciçamente na ilegalidade; arma suprema da Não-Violência.

7 - O PROGRAMA CONSTRUTIVO

Sempre prever uma solução construtiva à injustiça denunciada. Por isso devemos trabalhar com peritos capazes de elaborar soluções tecnicamente viáveis. Não apenas denunciar, mas ANUNCIAR E CONSTRUIR. Só denunciar e criticar é uma solução de facilidade.



JUSTIÇA E ENCARTÉ

N:1 NÃO-VIOLÊNCIA

Serviço Nacional de Justiça e Não Violência - Av. Ipiranga, 1267 - 1º andar - SP

TREINAMENTO DE NÃO-VIOLÊNCIA - II



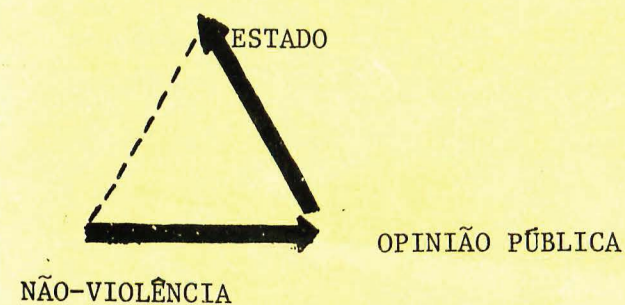
4 - O APELO À OPINIÃO PÚBLICA

Quando a negociação fracassa precisa passar por uma outra etapa da luta não-violenta: a conquista da opinião pública. A não-violência renuncia às armas da classe dominante, mas a sua força é justamente a massa da população que frequentemente não pode usar de armas mortíferas, mas gostaria de participar do conflito de uma outra maneira. Trata-se então de comovê-la e convencê-la.

Por outro lado é o apoio popular explícito ou, na maioria das vezes, a cumplicidade passiva da opinião pública que permite ao sistema injusto de se manter. Mudando a opinião pública, mudarão também os dados do conflito. Uma das tentativas essenciais da Não Violência é sensibilizar a opinião pública para que, ainda que seja por um tempo curto num campo limitado, essa deixe de apoiar passivamente o Estado e assim exercer uma pressão sobre o mesmo.

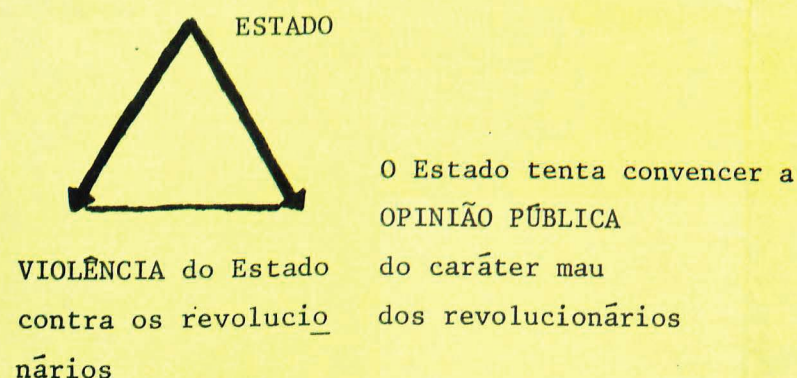
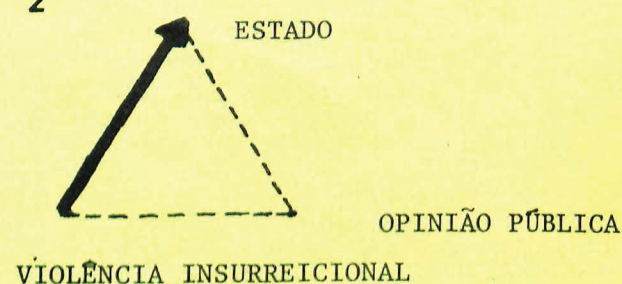
Podemos esquematizar da seguinte maneira:

Esquema (I) da luta Não-Violenta, (II) da luta Violenta, (III) da reação do Estado, em caso de luta violenta.



I - ESQUEMA NÃO-VIOLENTO

- * Nunca agir diretamente sobre o Estado.
- * Conquistar o apoio da opinião pública (seguir as flechas)



II - ESQUEMA VIOLENTO

- * A violência insurrecional ataca o Estado.
- * Não envolve a Opinião Pública numa guerra direta (guerra de especialistas)

III - REAÇÃO VIOLENTO DO ESTADO

- * A opinião pública, a princípio, se assusta com uma luta ilegal.
- * O Estado reforça este susto, usando dos Meios de Comunicação para convencer a opinião pública do perigo representado pelos violentos. Isolá-los.
- * Depois ataca diretamente, com armas, os revolucionários.

a) Os meios para a Não-Violência chamar a atenção da Opinião Pública

- * PASSEATA (silenciosa ou com palavras de ordem)
- * MARCHA de um lugar a outro lugar distante; estes lugares precisam ser simbólicos. Marcha pode ser a pé ou com veículos simbólicos que chamam a atenção: carros alegóricos, bicicleta, motocicleta, tratores, carroças, etc.
- * TEATROS-PANFLETOS: acompanhar a distribuição de panfletos com "teatro de rua", isto é, encenação muito breve ilustrando o conteúdo do panfleto.
- * SIT-IN: sentar-se no chão em lugares de passagem relacionados com a injustiça.
- * PRESENÇA SILENCIOSA diante do lugar da opressão. Ex.: o "passeio" silencioso das Loucas da Praça de Maio diante da Casa Rosada em Buenos Aires, com as fotografias de seus desaparecidos.
- * O JEJUM PÚBLICO
- * etc...

b) Os meios para informar a Opinião Pública

- * Dossiê bem feito sobre o caso enviado a pessoas influentes ou respeitadas (jornalistas, homens políticos, líderes religiosos, etc...)
- * Comunicação clara à população
- * Panfletos
- * Entrevista coletiva com a imprensa
- * Reunião de informação nos bairros e em portas de fábricas
- * etc...

A cada instante a palavra que usamos para convencer a Opinião Pública deve ser OBJETIVA, CLARA, CONTROLADA para não humilhar o adversário... enfim, NÃO-VIOLENTO.

NÃO VIOLENTO

5 - ENVIO DO ULTIMATO

Quando a Opinião Pública está bem consciente (isto pode levar semanas), quando todos os recursos para a negociação são esgotados, então se pode dar mais um passo para desenvolver a campanha de luta Não-Violenta: fixar um prazo para o adversário reconsiderar sua posição e reatar as negociações, prazo além do qual os responsáveis da campanha lançarão a ação direta. Isto se chama ULTIMATO. O ultimato relembra, mais uma vez, a injustiça cometida, os objetivos da luta, as tentativas de negociação e a disposição para negociar novamente. Depois anunciar o prazo.

6 - A AÇÃO DIRETA

Se trata agora de uma verdadeira prova de força. Três condições preliminares.

Condições preliminares

- a) Ter uma chance razoável de vitória dentro do objetivo alcançável que foi determinado (ver parágrafo nº 2 do Encarte nº 6, ano de 1986), para que muita gente participe da ação.
- b) Antes do início da prova de força, anunciar claramente que a ação se desenvolverá dentro da opção não-violenta. Se houver um desvio que leva à violência, haverá um recuo e uma reorganização de luta; um treinamento mais aprofundado dos organizadores e da massa para saber se manter na luta Não-Violenta será necessário.

Caso haja grupos que não fazem da Não-Violência uma opção de vida e uma estratégia global, e que querem colaborar com a ação prevista, é possível aceitá-los, desde que eles concordem neste caso específico em não sair da regra do jogo Não-Violento. A colaboração de outros grupos é importante pois eles também buscam a justiça e a justiça é nossa meta. No entanto, uma estratégia não-violenta tem a sua coerência própria e não consegue ser eficaz se, no decorrer da ação, outros grupos introduzem outros métodos. Por exemplo, os mecanismos psicológicos da luta violenta são específicos: os da não-violenta são diferentes. Os métodos violentos provocam respeito e medo; os métodos não-violentos despertam respeito e compaixão. São sentimentos diferentes que vão animar a multidão e conquistar a adesão de seguidores que vão dar à luta rumos diferentes.

Observa-se que frequentemente, no início, a luta popular é SEM-VIOLENTO. Isto não quer dizer NÃO-VIOLENTO. (M.C.Jesus)

É sem violência, pois a violência seria suicídio. Porém quando a luta se radicaliza, se intensifica e se globaliza, precisará inevitavelmente escolher entre os métodos violentos e os métodos não-violentos.

Cada um vai levar à estratégias diferentes.

- c) Uma terceira condição preliminar é que haja uma boa coordenação e organização da ação, o "comando" da luta, como o comando de greve, é fundamental. Apesar de que a participação da massa seja fundamental, é melhor ter um número limitado de participantes que estarão de acordo sobre os métodos do que um número grande de pessoas incontroláveis.

Preparação à ação direta

- a) Intensificar a sua vivência pessoal de Não-Violência (oração, meditação, confissão, reconciliação)

ionistas Negros. Dias 05, 06 e 07 de setembro próximo. Local Petrópolis.

- IV Encontro de Grupos de Negros do Interior, dias 25, 26 e 27 de setembro próximo. Local Friburgo.
- Encontro de Negros do Sul-Sudeste, outubro próximo. Local RJ.

ESCLARECIMENTO

Pedimos desculpas aos nossos leitores por não termos dado uma satisfação sobre o aumento do preço da nossa informativa no número anterior. O motivo é o mesmo de sempre, aumento de material em pleno congelamento.

Não publicamos a entrevista com Luzilda nem informes dos demais Núcleos, por que a Equipe de Informativa depende da reunião da Coordenação Estadual (2º domingo de cada mês) para pegar os informes (dos Núcleos) e se reunir.

Esse número saiu antecipado por causa da Assembleia Nacional de nossa Entidade dias, 05 e 06 de setembro aqui no Rio de Janeiro.

Devemos publicar um número extra com os respectivos informes e a entrevista. EQUIPE DE INFORMATIVO.

Mais um endereço para entrar em contato direto com a Equipe de Informativo. Rua Rio Grande do Sul, 516 Parque Paulicéia - Duque de Caxias R.J. Cep 25.070. A/C Jorge Luiz dos Santos.

Um telefone: 751 - 4080 Neide ou Magali. O mesmo é do Grupo de União e Consciência Negra do Rio de Janeiro.

Já que falamos em endereços, do Núcleo de Éden é o seguinte: Rua Ananias Antero da Costa, 598 Éden

São João de Meriti RJ Cep 25.545. A/C Mirla de Lourdes da Silva.

AVISOS GERAIS

Sucesso a 1ª Grande Noite da Soberania Negra em Petrópolis. O Núcleo do Grupo de União e Consciência Negra e o GTPE (Grupo de Trabalho Político Eleitoral) conseguiram mostrar que quando a negrada se une, se uni para valer e realizar um trabalho de quilate que foi.

E a campanha produtora do café pimpinela, sem barulho e sem alarde, aquiesceu a nossa moção de repúdio e retirou das ruas propaganda com caráter racista ao grupo étnico que paratencemos. Propaganda esta denominada "A volta aos bonecos". Utilizando figuras de mulheres escravas.

Nesses dois meses morreram as mães de D. Mauro (Bispo de Duque de Caxias e São João de Meriti) e Messias (Núcleo de Vilar dos Teles). Nossos sentimentos em nome dos membros do Grupo de União e Consciência Negra do Rio de Janeiro.

Ademir e Rosângela (Núcleo de Vila Tiradente) estarão casando em 19/09/87 as 19.00 horas, Igreja São Jorge. Rua Jesus da Carvalho, 38 Vila Tiradente São João de Meriti. Os noivos receberão os cumprimentos na casa da Rosângela.

E a Dulce (Núcleo de Vilar dos Teles) já é avó. Parabéns.

Foi um sucesso a VI Noite da Beleza Negra, promovida pelo Grupo Agbara Dudu. Agradecemos o convite enviado aos Núcleos.

MOMENTO NEGRO

INFORMATIVO DO GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DO RIO DE JANEIRO.

ANO II NUMERO 9 JULHO E AGOSTO DE 1987 Cz \$ 5.00

Nesta Edição:

Editorial.
Denúncias.
Política.
Aniversariantes de Julho e Agosto.
Poesia.
Informes dos Núcleos de Vilar dos Teles e Petrópolis.
Frutas e Cereais na Língua Yorubá.
Assembleia Nacional do Grupo de União e Consciência Negra.
Esclarecimento.
Avisos Gerais.

EDITORIAL

CAXIAS-UM HERÓI DE MENTIRA

O herói de uma nação deve retratar o perfil de um povo. O povo brasileiro é formado por várias etnias. Um herói Nacional deve representar o conjunto destas etnias.

Na escola aprendemos que ele foi o herói da guerra do Paraguai e recebeu o título de Patrono do Exército brasileiro. Vamos analisar a história da guerra do Paraguai não só de maneira "oficial", mas também ouvindo o povo Negro, verdadeiros heróis desta guerra, e tiremos nós mesmos a conclusão.

Caxias e todo sistema escravagista fez da guerra do Paraguai um instrumento para matar membros da comunidade negra. Em 1860 a população negra brasileira era de 45% do total da população brasileira. Divulgavam em todo território que os negros que fossem lutar na guerra, ao retornar receberiam a liberdade e os já livres receberiam terras.

Chegava a convocação para o filho do fazendeiro, ele o escondia e no lugar enviava de 5 a 10 negros.

Os negros venceram a guerra do Brasil contra o Paraguai. Caxias escreve para o Império dizendo que estava preocupado em trazer de volta para o Brasil aquela imensa quantidade de soldados negros, pois eles já tinham consciência das injustiças cometidas contra seu povo. Caxias temia que os soldados negros, junto com o povo, fizessem uma revolução como no Haiti.

Sabemos que o exército, a mando do sistema, usou vários métodos para eliminar os corajosos soldados negros. Entre eles, a história nos conta que ao retornar ao Brasil, atravessando as florestas muitos soldados pegavam doenças tropicais. O comando do exército reservava os remédios para os soldados brancos, deixando os negros morrerem. Os negros que protestavam eram eliminados como insubordinados. O resultado disto foi que em 1875 a população negra do Brasil caiu de 45% para 15% do total da população, ou seja:

Em 1860, de cada 100 brasileiros 45 eram negros.

Em 1875, de cada 100 brasileiros 15 eram negros.

No mesmo período a população branca cresceu 1,7 vezes.

Hoje, quais são as formas de matar os empobrecidos cuja maioria são NEGROS?

Repudiamos o fato de crianças ne-

gras serem levadas a desfilarem em honra a Caxias sem terem tidas as informações sobre Duque de Caxias.

DENÚNCIAS

E a greve geral foi um fiasco!!! Está na hora de comecarmos a questionar estes que se dizem líderes sindicais, Líderes de quem?

Quando vemos no morro de Santa Marta (Botafogo), uma comunidade se unir e enfrentar a polícia, vamos em contra partida que a greve planejada e prometida há tanto tempo acabou no que acabou...

As coisas na África do Sul estão cada vez piores. Foram demitidos 40 000 negros que trabalhavam na mineração. Pior de tudo é que todos continuam assistindo a tudo isto de braços cruzados.

Vamos ajudar nossos irmãos moçambicanos que estão morrendo de fome a cada minuto. Faça uma contribuição. Vá ao Banco do Brasil e procure o Nº da conta de ajuda a Moçambique.

E a violência no Rio de Janeiro, cresceu assustadoramente. Queremos ver o que dirá o Sr. Moreira Franco no dia 15/09, pois na época da campanha eleitoral, prometeu acabar com a mesma em 6 meses. Faltam 15 dias para vermos sua promessa concretizada.

E finalmente o Sr. José Soares Mello (DICO) deu às caras, o mesmo foi Presidente Nacional do Grupo de União e Consciência Negra, destituído legalmente do Cargo por incompetência. Na maior cara de pau, o que é uma característica neste país, se arroga no direito de fazer cobranças!! Para ele um recado da Equipe de Informativo. ACORDA COMPANHEIRO!

Estranhamos a ausência do Diretor Cultural do Grupo de União e Consciência Negra do Rio de Janeiro - Aldeir M. de Souza em nosso XI Encontro Estadual, ocorrido em 26/07/87 em Cubango. compromisso é coisa séria.

POLÍTICA

O Presidente da República, Sr. José Sarney, mais uma vez brinca com o povo, ao liberar a quantia que recebeu o nome de abono salarial para o trabalhador, no valor de: Pasmem: Cz \$ 250.00!!!! É brincadeira.

É a seguinte a formação da nova Executiva do GTPE - Grupo de Trabalho Político Eleitoral de Petrópolis:

- Presidente - Wagner Felipe.
- Vice-Presidente - Francisco.
- 1ª Secretária - Graça Fortunato.
- 2ª Secretária - Maria Imaculada.
- 1ª Tesoureira - Zilda Helena.
- 2ª Tesoureiro - Ari Alves.
- 1º Coordenador de Divulgação - Dídimo.
- 2º Coordenador de Divulgação - Osvaldo.
- 3ª Coordenador de Divulgação - Maria do Carmo.

Esta Executiva é definitiva e tem seu mandato até dezembro de 1988.

Grande confusão nas eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, quando saiu vencedora a chapa A, de oposição. PT e PDT - Unidos para vencer. Abaixo o paleguismo!!

E o dia em que comemoraremos os 165 anos do Grito de Independência, se aproxima. Que país é

este que coloca tanto civismo na cabeça do povo, e este mesmo povo não tem direito a nada.

Querida Pátria amada que nos obriga a amá-la e mata o povo de fome. Viva a Independência!!!!

Os Núcleos do Grupo de União e Consciência Negra de São João de Meriti, deverão lançar 4 candidatos nas próximas eleições, são eles:

- Ernani Coelho - Prefeito.
- Manoel Messias da Silva - Vereador
- Antonio Maurício Rosa - Vereador.
- Célia Marques da Conceição - Vereadora.

No próximo dia 20/09/87 a Coordenação Estadual do Grupo de União e Consciência Negra do Rio de Janeiro estará reunida com pessoas do Núcleo de Cachoeiras de Macacu, para tratar exclusivamente de assunto político.

ANIVERSARIANTES DE JULHO E AGOSTO

Como ainda não aconteceu a reunião da Coordenação Estadual de nossa Entidade, só publicaremos os aniversariantes dos Núcleos de Petrópolis; Vilar dos Teles e Cubango os quais, nos enviaram uma lista completa com datas de nascimento de seus membros.

- 01/07 Dalton B. de Silva (Cubango)
- 05/07 Eliana (Vilar dos Teles).
- 14/07 Maria das Graças (Petrópolis).
- 20/07 Maria de Lourdes (Cubango).
- 23/07 Luzilda C. Silva (Cubango).

- 07/08 Antonio Tadeu (Cubango).
- 18/08 Sebastião Macalé (Petrópolis).

Parabéns da Equipe de Informativo.

DATAS DE JULHO E AGOSTO

- 04/07 Dia Internacional de Cooperativismo.
- 19/07 Dia do Futebol.
- 20/07 Dia da Amizade.
- 22/07 Início da Semana do Agricultor.
- 25/07 Dia do Escritor.
- 26/07 Dia dos Avós.
- 2º Domingo de Agosto - Dia dos Pais.
- 11/08 Dia do Estudante.
- 21/08 Emancipação de São João de Meriti.
Dia do Folclore.
- 25/08 Dia Internacional da JOC (Juventude Operária Cristã).
- 28/08 Dia da Fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores).

A Equipe de Informativo agradece as mensagens que os Núcleos enviaram pela passagem do dia do Escritor.

Nossos parabéns aos Núcleos de São João de Meriti pela presença que marcaram nas comemorações dos festejos dos 40 anos de emancipação da citada cidade. Lembramos que, a Presidente Estadual do Grupo de União e Consciência Negra do Rio de Janeiro - Neide Ferreira Rodrigues, reside em São João de Meriti.

Queremos através de Ademir (Núcleo de Vila Tiradente), parabenizar os pais integrantes do Grupo de União e Consciência Negra do Rio de Janeiro.

Nossos sinceros parabens aos avós, jovens e estudantes do Grupo de União e Consciência Negra do Rio de Janeiro.

ACORDA CRIÓULO

Acorda, por que o tempo é curto e o Espaço é pequeno, levanta a cabeça e Mostra que ser Negro é lindo, que O sol nasceu para todos.

Procure conquistar o seu espaço, Você não tem que se envergonhar, Pelo contrário, você é o motivo de Muito orgulho, afinal foi a sua Raça a grande colaboradora desta Nação.

Não deixe que os outros pessoas Façam de você um degrau, você tem O direito de ter seu lugar ao sol.

E os seus antepassados lutaram para Que isso se tornasse realidade, por Isso "ACORDA CRIÓULO".

"Se liberte das correntes", e mostre A esta gente que ser negro é lindo.

É lindo saber amar.

É Maravilhoso ter garra e lutar.

Você deve lembrar sempre que é tempo De acordar, mostrando o seu valor, Você irá se impor mas se ainda não Despertou, aí vai meu recado do Fundo do meu coração, meu amigo, é Tempo de libertação, o momento é Este, aproveite o tempo, chegou a Sua hora.

ACORDA CRIÓULO!!!

(Marile das Graças Machado)

INFORMES DOS NÚCLEOS

Núcleo de Petrópolis

- Campanha contra o Café Pimpínela.
- Campanha para Bazar e realização do mesmo.

- Participação no XI Encontro Estadual do Grupo de União e Consciência Negra R.J.
- Participação na reunião da Equipe de Informativo.
- Participação nas reuniões do GTPE - R.J.
- Participação nos ensaios do Grupo Xirê Ayo Orixá.
- Participação na reunião da Comissão Nacional do Grupo de União e Consciência Negra.
- Reunião com Secretário de Apoio Comunitário.
- Contatos com o Grupo Agbara Dudu.
- Participação nas reuniões semanais do GTPE - Petrópolis.
- Preparo e envio de correspondências em geral.
- Feitura de orçamento para confecção de nosso Estandarte.
- Feitura de avaliação do XI Encontro Estadual.
- Vendas de camisetas, bottons e jornais.
- Contato para: (Festa Agustina, realizada em 15/08); Paquetinhos de panfletos; Montagem de Casa da Cultura; Bazar.
- Contato com Frei Leonardo Boff e participação em palestra proferida por ele.
- Projeção de Slides na Comunidade São João Batista, Bairro Duarte da Silveira e Morro do RPM seguidas de debates.
- Contatos com outras Entidades.
- Preparo e envio de convites para o XI Encontro Estadual de nossa Entidade.
- Participação na reunião pa-

- ra Greve Geral (dia 20/08).
- Recebemos a visita de Sr. Philippe Guedon - Presidente do CDL/PSC.
- Comemorações de aniversariantes de julho e agosto.
- Participação na VI Noite da Beleza Negra.
- Juntamente com o GTPE de Petrópolis, realização de 1ª Noite da Sabedoria Negra.
- Participação em reuniões Políticas em São João de Meriti.
- Trabalhos dirigidos: ao bar; Casa da Cultura; Dia 12 de setembro e Salão de cabeleireiro.
- Preparo para montagem do Jornal Municipal.
- Trabalho de Reflexão.
- Montagem de Projetos Financeiros.
- Participação no Congresso sobre Transporte Coletivo.
- Participação na Reunião Extraordinária em São João de Meriti sobre a Assembleia Nacional do Grupo de União e Consciência Negra.
- Divulgação dos Trabalhos na Imprensa.
- Preparo de Documento para o IV Encontro de Negres do Interior RJ.
- Participação em reuniões sobre o centenário da Lei Áurea.
- Panfletagem na cidade.
- Distribuição e preenchimento de fixas "cidadão 30.00".
- Participação no curso sobre política, promovido pelo PSC.
- Reunião com: Vereadores, Prefeito e Secretaria de Educação - Petrópolis, para montagem da Comissão de Desenvolvimento do Centenário da Lei Áurea.
- Participação na reunião de preparação do Encontro de Mulheres Negras do Rio de Janeiro.
- Lançamento do Livro "Ouvir o Clamor Deste Povo...Negro".
- Participação nas reuniões de Coordenação Estadual de nossa Entidade.

- Participação em Assembleia Extraordinária, visando preparativos finais da Assembleia Nacional de nossa Entidade.

Núcleo de Vilar dos Teles

- Participação em reuniões políticas do PT e PDT - Diretório Municipal de São João de Meriti.
- Carta de solidariedade a greve dos professores.
- Projeção de Slides na UERJ seguida de debates e colocações sobre o nascimento do Grupo de União e Consciência Negra, para turma de Pós-Graduação de Filosofia.
- Participação na reunião da Pastoral Operária.
- Participação na reunião da Associação de Moradores para tratar de assunto específico do Negro.
- Visita aos Núcleos da Venda Velha e Vila Tiradentes.
- Entrevista com D. Mauro - Bispo de Duque de Caxias e São João de Meriti.
- Visita ao CECUM.
- Reuniões de vivência com reflexão do Negro dentro da Igreja.
- Visita ao Movimento Negro do PT - Diretório Municipal de São João de Meriti.
- Contatos diversos com a Comissão Nacional de nossa Entidade.
- Participação na preparação da Romaria de 12/10/87 - Paróquias de São João de Meriti e Duque de Caxias.
- Palestra sobre o Negro nos festejos dos 40 anos de São João de Meriti.
- Está dirigindo um trabalho so-

bre e Livro "Ouvi o Clamar deste
Povo...Negro".

- Encerramento do círculo de palestras sobre o Negro na Associação Comercial de São João de Meriti com o Título Início do Mundo Segundo a Cultura Yorubá.
- Participação nas reuniões da Coordenação Estadual.
- Participação no XI Encontro Estadual de nossa Entidade.
- Participação na VI Noite de Samba Negra.
- Participação no lançamento do enredo da G.R.E.S. Unidos da Ponte.
- Participação na inauguração da nova Câmara Municipal de São João de Meriti.
- Participação na reunião da Comissão Nacional de nossa Entidade.
- Envio de correspondências em geral.
- Venda de livros e camisetas de nossa Entidade.
- Participação na reunião do GTPE - São João de Meriti.
- Participação na Assembleia Extraordinária RJ em preparação final da Assembleia Nacional do Grupo de União e Consciência Negra.
- Contatos com o Grupo de União e Consciência Negra de São Paulo e Bahia.
- Contatos com várias Entidades Meritienses.
- Feitura de avaliação do XI Encontro Estadual.
- Participação na ordenação do Mascará (Frei).
- Avaliação do enredo da G.R.E. de Samba Souza Soares - Niterói (O Preto no Branco).
- Envio de material para mostra pela passagem dos 40 anos de emancipação de São João de Meriti.
- Estudo de livro Escravidão e Libertação.

FRUTAS E CEREAIS NA LINGUA YORUBÁ

Jaca / Musuni
Mamão / Pai - pai
Cana / Coco
Banana / Bitábe
Goiaba / Lipela
Coco / Cocoti
Abacate / Isavoka
Cajá-manga / Manga-Sanda
Manga / Manga
Mangueira / Zete ya Manga
Mamoeiro / Zete ya Pai-pai
Jaqueira / Zete ya Musuni
Canavial / Zete ya Coco
Bananeira / Zete ya Bitábe
Goiabeira / Zete ya Lipela
Abacateiro / Zete ya Savoka
Arroz / Loso
Feijão / Madaso
Fubá / Fufu
Farinha-de-mandioca / Fufu ya Manioko

FAMÍLIA

Papai / Tata
Mamãe / Mãmã
Tio / Tata Leki
Tia / Mãmã Leki
Irmã / Yaya Muasi
Irmão / Yaya ya Mobaly
Primo / Yaya
Prima / Yaya
Vovó / Koko ya Muasi
Vovó / Koko ya Mobaly

OUTROS

Carveja / Masanga
Flores / Flere
Pimenteira / Zete ya Pili-Pili
Vestido / Roba
Prato (alumínio) / Seni
Fogão / Recho
Cabelo / Suki
Noite / Butu
Coisa / Eloko
Música / Music

ASSEMBLÉIA NACIONAL DO GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA

Pela segunda vez na história de nossa Entidade, acontecerá no Rio de Janeiro a Assembleia Nacional do GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA. Dias 05 e 06 de setembro de 1987, das 08.00 as 17.00 horas, no Centro de Formação de Líderes sito a Rua Aimorés, 08 Moquetá Nova Iguaçu - Rio de Janeiro.

Nós da Equipe de Informativo desejamos que o pessoal do GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA dos demais estados façam uma boa viagem e que a Assembleia transcorra num excelente clima, principalmente se houver eleições.

São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso, Rondonia e Santa Catarina já confirmaram presença. Axé para todos de nossa Entidade.

XI ENCONTRO ESTADUAL

Foi realizado em 26/07/87 o XI Encontro Estadual do GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA do Rio de Janeiro, o mesmo foi sediado pelo Núcleo de Cubango. Infelizmente não houve as apresentações culturais devido o tempo (horário). O lamento e desculpas da Equipe de Informativo vai para o Mestre Casquinha e toda sua equipe.

Além da presença de representantes dos Núcleos (RJ) de nossa Entidade, contamos também com a presença de representantes das seguintes Entidades:

- CEBA - Centro de Estudo Brasil-África.
- Movimento Cultural e Social de Negros de Nova Friburgo.
- Pastoral do Menor - Duque de Ca-

- xias.
- Associação Cultural de Nova Iguaçu.
- Quilombo União das Raças - Cidade de Deus.
- Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência.
- Movimento de Consciência Negra de Volta Redonda.
- Associação Nacional de Defesa dos Direitos do Negro.
- Centro Cultural Afro Mageense.
- Instituto São José.
- Grupo André Reboulças - Niterói.
- Associação dos Ex-Alunos da Funabem - Rio de Janeiro.
- Associação dos Aposentados-Petrópolis.
- Assessoria Para Assuntos Afro Brasileiro (Ministério da Cultura).
- Grupo de Pagode Flor do Mar.
- Grupo de Religiosos Negro do Rio de Janeiro.
- Comissão de Combate ao Racismo da Igreja Metodista.
- Grupo Mare de Capoeira.

A todos nossos sinceros agradecimentos em nome da Coordenação Estadual do GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA do Rio de Janeiro.

Próximo Encontro Estadual ultimo domingo de janeiro de 1988 durante todo o dia. Local Petrópolis.

OUTROS ENCONTROS

Teremos grandes Encontros nos meses que estão chegando:

- Encontro de Mulheres Negras - Novembro RJ.
- III Encontro de Poetas e Fic

Aconteceu... acontecendo...

— No período de 31 de Julho a 4 de agosto próximo será realizado em Bertioga - SP, o - III Encontro Feminista, Latino-Americano e do Caribe.

— Sábado 7/7/85, aconteceu no Renascença Club Rio a apresentação por diversos segmentos do movimento negro de seu candidato o Secretário Estadual de Trabalho e Habitação - Carlos Alberto de Oliveira, o Caó, a Vice-Prefeito daquela cidade.

— O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) - Rio realizou eleições para sua nova diretoria. A chapa vencedora foi a "ZUMBI DOS PALMARES", encabeçada por Januário Garcia.

— O Centro de Cultura Negra do Maranhão - São Luis está incentivando a criação de uma comissão de mulheres negras para encaminharem a problemáticas da mulher negra.

— Já se tornou alguma coisa muito esperada, nesta época no Rio, a noite da beleza negra promovida pelo grupo Afro-Agbara Dudu, acontecerá no Club Maxwell dia 27 de Julho às 21 horas.

— O Grupo de Trabalho André Rebouças lançou dia 28 de junho próximo passado em Niterói - RJ o "IV Caderno da Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Brasileira".

— O movimento negro de Volta Redonda - Clube Palmares - está desenvolvendo pesquisa sobre a cultura e consciência negras para ser distribuído como material didático nas escolas da região.

— O Grupo Perere, com trabalhos teatrais infantis, é uma experiência de várias pessoas preocupadas com temas educativos. Afastando os clássicos estereótipos que reforçam a discriminação racial. O Grupo atua também em festas de aniversários, clubes e colônias de férias - no Rio e em outros estados.

— O Grupo de Mulheres da Ilha de São Luis pretende aprofundar seu trabalho de pesquisa como forma de recuperar o saber que as mulheres de baixa renda possuem sobre seu corpo, sua sexualidade, sua medicina, enfim, sua vida.

— Será realizado nos dias 7 e 8 de setembro próximo um Encontro de Escritores Negros no estado de São Paulo; na ocasião serão discutidos vários assuntos relacionados com os aspectos da criação.

— A Casa de Cultura Popular Vissungo e o Grupo Negrícia promoverão a partir de 19 a 26 de julho a Semana Solano Trindade que constará de exposição de instrumentos musicais, recital de poesias e show musical.

— As feministas do Rio apoiadas pelos diferentes grupos existentes naquela cidade estão desenvolvendo uma ampla campanha de mobilização da opinião pública a favor de que seja cumprida a lei nos casos de violência contra as mulheres.

— O grupo de Estudos e Consciência Negra de Itaituba - Minas Gerais está desenvolvendo um projeto de pesquisa junto à comunidade negra daquela cidade a fim de registrar alguns aspectos, entre eles a preservação dos valores culturais.

— O Movimento Negro do Rio de Janeiro enviará a Moscou, para participar do Encontro Internacional de Jovens, uma delegada representando as diferentes entidades existentes naquela cidade.

— Inúmeras entidades do movimento social, assim como alguns partidos assinalarão através de um ato público na Cinelândia o 6º aniversário da vitória da Revolução Sandinista na Nicarágua no dia 19 de julho.

☆ Maiores detalhes sobre estes informes, faça um contato conosco - NZINGA/Coletivo de Mulheres Negras - Cx. Postal, 2073 - Cep: 20001 - Rio/RJ.

FAZENDO RESENHA Lendo e aprendendo

"A Violência nossa de cada dia" de Maria Mazarro Rodrigues e outros. Maza Edições. Rua Bragança, 101 - Pompéia - Belo Horizonte - MG. 15 páginas Cr\$ 1.200,00 - mimeografado. História em quadrinhos que discute a violência sofrida pelo negro desde sua chegada ao Brasil até os dias de hoje. Abordada a violência tanto física, declarada, até as formas mais sutis, as psicológicas.

"A Mulher entre a tradição e a mudança" - artigo publicado no Correio da Unesco - nº 6, Junho/1985 Ano 13 Preço Cr\$ 3.300. Edição brasileira publicada mensalmente pela Fundação Getúlio Vargas, mediante acordo com a Unesco.

O artigo refere-se aos estudos sobre a situação da mulher nas diversas sociedades de cultura diferentes; entre elas a situação da mulher sul-africana.

"Experiências em Educação Popular - Escolas Comunitárias. Revista proposta nº 25 editada pela FASE Nacional.

Numa linguagem fácil os autores narram a experiência das Escolas Comunitárias em Belém (PA) e na Rocinha (RJ). Discutem a educação formal, a própria filosofia da Escola Comunitária e sua inserção nos movimentos sociais.

Um pouco de arte AS MULHERES DA MINHA RAÇA

Oubi Inaê Kibuko

Senhores saibam senhores
que as mulheres da minha raça
não são feijoadas completas
preparadas para serem saboreadas
às quartas e sábados ou somente
quando os senhores sentem vontade.

As mulheres da minha raça
não são latas de malzebir fabricadas
para fortalecerem impotentes virilidades
aprimorando-se o hipnótico brilho do rótulo
porém degenerando a essência do conteúdo.

As mulheres da minha raça
não são animais de carga
simples bestas selvagens
que após serem domadas marcadas
registradas e enjauladas
são transformadas em cadelas no cio.

Saibam senhores
que as mulheres da minha raça
são capacitadas e tudo fazem
com inteligente primor
são humanas têm sentimentos
de alegria de liberdade...
de ódio de dor...
Porque também sentem amor.

Sendo assim senhores
as mulheres da minha raça
não devem ser discriminadas e subjugadas
devido à negra pigmentação da sua cor
pois cada uma delas possui
a sua natural essência humana
e todas devem ser respeitadas
não importa a medida ou a intensidade
do brilho do seu valor.

(transcritos de CADERNOS NEGROS
Nº 5)

Expediente:

RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO
MIRAMAR CORREIA

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
ANA GARCIA, ELIANE BRÁZ, HELENA DE SOUZA E ROSÁLIA LEMOS.

IMPRESSO - VIA AÉREA



NZINGA
Coletivo
de Mulheres Negras

Caixa Postal, 2073
Rio de Janeiro - RJ
Brasil - CEP 20001

NZINGA

INFORMATIVO

Junho 1985

Nº 1

ANO I

O que é o NZINGA?

- O que é e por que um Coletivo?
- Por que e para que viemos?
- O que fizemos e que faremos?

APRESENTAÇÃO

Aqui estamos com o resultado concreto dos sonhos que sempre tivemos - o de divulgar as questões específicas da mulher negra. Esperamos que, de verdade, tenhamos conseguido criar mais um instrumento de comunicação da nossa causa. É nosso propósito fazer desse espaço um veículo que alcance um número sempre maior de mulheres e homens, negros e brancos que estejam preocupados com as mesmas questões que este informativo se propõe a abordar. Para isso tentaremos que seja sempre informal, ágil e contínuo.

Muito mais do que do NZINGA, este jornal pretende ser de todas as pessoas e entidades que estejam trabalhando com o mesmo propósito que o nosso.

Por fim, entendemos que estamos, a partir deste número, abrindo uma correspondência - e que seja uma intensa troca de cartas - com todos aqueles que nos leiam; a agilidade, a continuidade e a importância deste jornal dependem da participação de todos.

Registro das lutas das mulheres negras

- Nasce um projeto
- Seus objetivos
- Seu alcance

Mulheres Guerreiras pág. 2

A questão da Mulher Negra pág. 3

Resenha - Lendo e Aprendendo pág. 4

UM SONHO — UM PROJETO Resgatar e Registrar Nossa História MULHERES NEGRAS

Apesar de ser o Brasil o segundo maior país negro do mundo, a história da formação da sociedade brasileira relegou o papel da mulher negra e dela nada se sabe.

Foi preocupada com este fato que Miramar, a nossa Mira, juntando vivência com teoria elaborou o primeiro projeto de pesquisa do NZINGA.

O desenvolvimento do nosso projeto "História Contemporânea das Lutas das Mulheres Negras" vem tentar amenizar o vazio que existe na produção sobre o papel da mulher negra na nossa sociedade.

Uma pesquisa como esta torna-se necessária para que se registre a participação efetiva da mulher negra, não só em termos de sua comunidade, como também da perspectiva histórica que ela carrega na sociedade brasileira como um todo.

SEUS OBJETIVOS

O objetivo precípuo do nosso projeto é conhecer e documentar a participação da mulher negra dentro das diferentes formas de organização, de participação e de luta e suas posições frente aos problemas no racismo e do sexismo; assim como sua articulação com os problemas sociais e políticos do país.

E, a partir deste registro, divulgar entre os diferentes movimentos sociais as lutas das mulheres negras e suas especificidades, buscando uma maior articulação entre os próprios grupos de mulheres negras e também entre os demais segmentos da sociedade.

A metodologia que o projeto traçou para alcançar seus objetivos baseia-se principalmente no levantamento de dados através de documentos das entidades afins, assim como arquivos de jornais e outras instituições; também a coleta de dados nas áreas.

Para desenvolvermos esse projeto foi previsto um montante de 40 mil dólares. Como já foi dito aqui, a primeira parte deste orçamento (US 15000) já chegou às nossas mãos.

SEU ALCANCE

Sendo o projeto um trabalho de grande complexidade, só poderíamos executá-lo por partes, assim sendo, a nível do trabalho comunitário estamos no plano de atuação ligado a nossa cidade; e através deste informativo estamos alcançando um universo mais amplo da mesma forma que resgatando a participação da mulher negra na formação social política e econômica da sociedade brasileira.

NZINGA

informativo

O que é o NZINGA? UM COLETIVO DE MULHERES NEGRAS

Um COLETIVO, porque acreditamos que as decisões devem ser tomadas em conjunto, devem ser o resultado das discussões, devem refletir a diversidade de opiniões.

UM COLETIVO DE MULHERES, porque enquanto mulheres participamos da luta contra todas as violências praticadas contra a MULHER, que vão desde o estupro, o assassinato puro e simples em nome da honra, a demissão do emprego por causa de uma gravidez, o receber menos que o homem, ainda que realize as mesmas tarefas, a ausência de creches onde deixar os filhos para que possa trabalhar; passando pelo desrespeito sutil, disfarçado nas "Cantadas de rua", nas palavras obscenas ditas baixinho, até a discriminação a nível jurídico, que penaliza o aborto e discrimina a mãe solteira; responsabiliza a mulher pelo bom ou mau desempenho de seus filhos e sobretudo, não nos permite dispor de nosso corpo segundo nossos desejos. É isto que entendemos por *discriminação sexual*.

Um COLETIVO DE MULHERES NEGRAS, porque aí se encontra a nossa especificidade, a nossa diferença. Por sermos MULHERES, pensamos, agimos, sentimos diferentes dos homens. Sendo NEGRAS, herdeiras em maior ou menor grau da cultura africana, temos um modo de sentir, agir pensar diferentes das mulheres não negras.

Além do sexismo, lutamos contra o racismo e a discriminação racial que fazem de nós o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira.

Um COLETIVO DE MULHERES NEGRAS de nome NZINGA, porque queríamos reverenciar uma rainha angolana que viveu entre 1582-1663, e dedicou sua vida à luta contra o colonialismo português em Angola.

PARA QUE VIEMOS?

Para ser um serviço em defesa da mulher negra, na conquista de seus direitos, numa perspectiva democrática e visando a justiça social;

Para exercer este serviço junto à comunidade negra enquanto setor marginalizado e explorado da população;

Para exercer este serviço junto aos grupos, organizações populares e entidades, no esforço de elevar seu nível de consciência assim como e, principalmente, junto às organizações negras, fortalecendo-as no que se refere à maior elucidação quanto à articulação racismo e sexismo.

UM POUQUINHO DA NOSSA CAMINHADA

Surgimos em 1983 — 16 de junho. O 1º encontro foi na Sede da Associação dos Moradores do Morro dos Cabritos, na Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, Rio de Janeiro. Éramos 8 mulheres: do Movimento de Favelas, do Movimento Negro e do Movimento de Bairros. De lá para cá passamos por diversas fases e por diversas crises. Participamos do 1º Encontro de Mulheres de Favela e Periferia, acompanhamos a formação e fundação da Creche e da Associação de Moradores do Morro do Encontro. Estivemos nas praças públicas denunciando no 8 de Março as violências e as várias formas de opressão de que somos vítimas enquanto mulheres, e no 21 de Março — Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial as violências sofridas porque somos negras.

Estivemos, juntamente com o Movimento Negro na Passeata de 20 de Novembro — Dia Nacional da Consciência Negra, e no Movimento pelas Diretas. Fizemo-nos representar no 1º Encontro Estadual de Mulheres Negras em agosto de 1984 em São Paulo, e participamos de uma mesa redonda sobre a questão racial, a partir da projeção do filme Quilombo em Caxias, município do Rio, este ano.

Lá fora, estivemos representadas no 2º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe realizado no Peru, em 1983. Participamos da 1ª Conferência de la Mujer Negra de Las Américas, em julho de 1984, no Equador, quando aquele país juntamente com Cuba, Colômbia, Costa Rica, EUA e Brasil, votaram moções e propostas a serem implementadas em favor da comunidade negra destes países. Ainda em 1984, fomos representadas nos EUA, no African-American Women's Political Caucus, realizado em Baltimore-Maryland.

E sobretudo, estamos tentando crescer enquanto grupo. Estudando, discutindo, refletindo. Tentando unir as teorias de algumas com as práticas de outras.

E é nesse sentido que enviamos o Projeto "História Contemporânea das Lutas das Mulheres Negras" à Global Ministries the United Methodist Church de Nova York, e através do qual fomos agraciadas em janeiro deste ano com a quantia de US\$ 15.000 com a qual estamos entre outras atividades, custeando a elaboração deste boletim.

Mulheres negras e guerreiras

NZINGA (1582 - 1663)

Ndongo — uma região de Angola — era governada por Mbandi; quando este morreu, sua irmã que antes lhe havia representado como diplomata de seu reino na corte lusa instalada em Luanda, sobe ao trono. Aí começa a história da rainha Nzinga. Nos dois anos que permaneceu na corte, em Luanda, Nzinga tentou, e até firmou um acordo de paz que logo foi desprezado pelos portugueses.

Quando Nzinga sobe ao trono em Ndongo já trazia consigo muitas descobertas de hábitos e táticas do colonizador. Por outro lado a morte do irmão lhe afasta as ilusões em estabelecer um acordo entre as duas Nações. É aí então que, como rainha, decide enfrentar os portugueses.

Seu carisma, independência e inteligência brilhante incentivaram outros vizinhos a combaterem lado a lado com seu povo contra o domínio dos invasores. Os portugueses revidavam com armamentos pesados aos métodos primitivos de guerra,

como o uso de arco e flecha, dos guerreiros que Nzinga comandava sem temor.

Após 35 anos de luta, em 1663 Nzinga é morta em pleno campo de batalha e, sem sua comandante, os guerreiros se rendem; muitos deles são aprisionados e trazidos para o Brasil, influenciando-os com suas práticas anteriores, as lutas desenvolvidas por Ganga Zumba e Zumbi no Quilombo dos Palmares.

A nossa cultura popular registrou este fato relevante através da figura da rainha Nzinga das Congadas referindo-se a essa rainha. Com as táticas primitivas Nzinga sustentou uma guerra desigual durante 35 anos em defesa da preservação do reino e da liberdade de sua gente.

Nzinga — Rainha Guerreira
Nzinga — Mulher Negra e Guerreira

A mulher negra e suas questões específicas

A mulher negra tem exercido relevante papel na formação social e cultural da sociedade brasileira. Esse papel, da maior importância, tem sido ocultado em função da ideologia dominante, que coloca o negro e a mulher em situação de inferioridade. Por isso mesmo é que constatamos que toda a produção sobre a mulher, no Brasil, minimiza a atuação da mulher negra; ela está subrepresentada numa bibliografia onde, não é citada ou, no muito, é mencionada de uma forma discriminada.

Em termos da própria comunidade negra, ela tem exercido um papel fundamental, na medida em que é a matriz a partir da qual se dá a transmissão e a perpetuação dos valores específicos da cultura negra, o que permite aos seus descendentes a construção ou elaboração de sua identidade étnica, apesar do processo educacional oficial que, apoiado na cultura dominante, tenta diluir essa identidade através do mito da "democracia racial".

Nós, MULHERES NEGRAS, temos que lutar contra a discriminação sexual além da discriminação racial, que nos torna mais exploradas que o homem negro mais desrespeitadas que as demais mulheres, inferiorizadas duplamente: enquanto mulheres e enquanto negras. Aceitas apenas como "instrumento" de trabalho (empregadas domésticas, serventes, babás, faxineiras, etc.) ou "instrumento" de prazer ("as mulatas que não estão no mapa"), que são utilizadas para saciar os apetites, recalques e as taras sexuais masculinas.

Faz-se necessário que a Mulher Negra entenda que a opressão racial e sexual, fazem parte de um contexto maior que é a opressão social. Daí, acreditamos que a compreensão das questões fundamentais do racismo e do sexismo, levarão a MULHER NEGRA a um mais fácil entendimento dos problemas sociais mais amplos.

Levada à prisão, foi-lhe permitido dar um telefonema. Rosa Parks chamou E. D. Nixon, presidente do capítulo local da NAACP — Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor. Esta era uma organização de negros e brancos fundada em 1909 com o objetivo de assegurar direitos integrais para os negros. Depois de retirar Parks da prisão sob fiança, Nixon e outros líderes da NAACP começaram a planejar um curso de ação que viesse por um fim à segregação nos ônibus.

Nixon afirmou o seguinte: "O único modo de se conseguir com que a estrutura do poder termine com a segregação é tirar um pouco de dinheiro de seus bolsos." Conseqüentemente, foi solicitado aos negros da cidade de Montgomery que boicotassem os ônibus, ou seja, não os utilizassem para o transporte. O boicote seria muito prejudicial à companhia de ônibus, visto que o serviço de transporte servia principalmente a usuários negros. Mas seria duro também para os negros pobres de Montgomery, que não tinham carro e não podiam pagar táxis.

O início do boicote foi marcado para a segunda-feira seguinte. As igrejas negras de Montgomery se juntaram no planejamento e na preparação. Foram organizados pools de automóveis. Negros que possuíam táxis os colocaram à disposição do movimento. Folhetos foram distribuídos às famílias negras na cidade inteira. Já no domingo à noite, os líderes do boicote tinham a esperança de que sessenta por cento dos negros que normalmente eram usuários dos ônibus não os utilizassem no dia seguinte.

E. D. Nixon não poderia estar na cidade na segunda-feira, e por isso pediu a Martin Luther King Jr., o novo pastor da Igreja Batista, na Avenida Dexter, que chefiasse e assumisse o controle do boicote. Muita gente questionou essa escolha de Nixon. O doutor King tinha apenas vinte e sete anos de idade, e nenhuma experiência prévia em ação social. Era sem dúvida um grande pregador, que atraía a atenção e as emoções dos que o ouviam, mas seria ele capaz de dirigir um boicote de ônibus?

Logo de manhã na segunda-feira (5 de dezembro de 1955), King e sua esposa, Coretta Scott King, puseram-se a observar o ponto de ônibus perto de sua casa. O primeiro ônibus passou vazio e o segundo também. No terceiro haviam dois passageiros, ambos brancos. O boicote estava funcionando.

Mais de noventa e cinco por cento dos negros não usaram os ônibus. O boicote durou mais de um ano, sendo cada vez mais oneroso para a cidade com cada dia que se passava. Finalmente, aos 13 de novembro de 1956, a Corte Suprema decidiu que a segregação nos ônibus era inconstitucional. O boicote dos ônibus em Montgomery demonstrou que a ação direta e não-violenta poderia produzir resultados. Outro efeito do boicote foi reunir negros de todas as esferas da vida americana, numa união quase que religiosa. E gerou um líder negro — Martin Luther King Jr. — capaz de inspirar milhões, levando-os a agir e a tocar toda a consciência de uma nação.

Tendo tido pois Montgomery como seu ponto de partida, Martin Luther King liderou ações diretas e não-violentas pelos direitos civis em todas as partes do país. No Sul as velhas barreiras da segregação iam caindo. No Norte formas mais sutis de discriminação em questões de habitação e de emprego iam sendo também solapadas e minadas.

Na primavera de 1963, King foi a Birmingham, no Alabama. Historicamente, a discriminação era muito forte em Birmingham, uma cidade onde os parques, os restaurantes e lanchonetes, os banheiros e até os bebedouros públicos eram segregados. King chamou e

organizou os residentes negros para uma marcha tranquila e não-violenta pelo centro da cidade. Inicialmente, a polícia prendeu milhares dos participantes da marcha e, quando isto não surtiu efeito, passou a atacar os manifestantes com cassetetes, cães e jatos d'água. Durante todo o ataque os manifestantes nem uma vez sequer apelaram para a violência. O país inteiro observava pela televisão o que se passava. A revolta pública foi tão grande contra as autoridades brancas de Birmingham, que estas se viram forçadas a retroceder e a desagregar os locais e instalações públicas.

Um dos pontos altos do movimento pelos direitos civis ocorreu em 28 de agosto de 1963, quando duzentos e cinquenta mil pessoas de todas as raças marcharam na capital, Washington, D.C., para exigir que a nação colocasse em prática a promessa e o juramento de "justiça para todos". Num dos discursos mais emocionantes e dramáticos na história do país, Martin Luther King afirmou: "Eu tenho um sonho, e sonho que um dia esta nação se erguerá e colocará em prática estas verdades auto-evidentes de que todos os homens são criados iguais. Tenho um sonho de que um dia nos morros e colinas avermelhadas da Geórgia os filhos de ex-escravos e os filhos dos ex-donos de escravos serão capazes de se sentarem juntos à mesa da fraternidade... Tenho um sonho de que os meus quatro filhos pequenos um dia viverão numa nação onde serão julgados não pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo do seu caráter."

O foco principal das atividades em prol dos Direitos Civis mudou-se em seguida para Washington, onde, após um longo debate, o Congresso aprovou leis que proibiram discriminação nas eleições, na educação, no mercado de trabalho, na habitação e nas acomodações e instalações públicas. As leis dos Direitos Civis aprovadas em 1964, em 1965 e em 1968 foram marcos históricos na derrubada dos fundamentos legais da discriminação.

HOJE

Martin Luther King continuou a organizar campanhas pelos Direitos Civis em todo o país, e em 1964 foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, em reconhecimento por uma década de liderança de protestos não-violentos contra a discriminação. Foi tragicamente assassinado em Memphis, no Tennessee, no dia 4 de abril de 1968. Quando morreu, parte de seu "sonho" já se realizava. E, desde então, muito mais se tornou realidade.

Os filhos dos ex-escravos já se sentam atualmente à mesa com os filhos dos ex-donos de escravos. E a tendência das pessoas geralmente é a de julgar os outros mais pelo conteúdo do caráter do que pela cor da pele. Os negros hoje se encontram em todas as profissões. Negros e brancos trabalham lado a lado. Em muitas partes do país moram lado a lado. Um estudo realizado em 1985 demonstrou que os negros estão saindo do centro das cidades em números cada vez maiores, e se mudando para subúrbios, antes totalmente de brancos.

Ainda existem áreas pobres e só de negros nas cidades americanas. A renda média dos negros é inferior à dos brancos. O desemprego dos negros, muito especialmente de jovens negros, é superior ao dos brancos. Mas apesar de tudo isso, a comunidade negra representa hoje em dia um dos segmentos móveis que mais avançam e progredem na sociedade americana. Na década de 1970 a 1980, dobrou o número de negros que completaram o curso colegial. Os negros que entraram nas faculdades passaram de seiscentos mil a mais de um milhão e cem mil. O número de negros a entrarem para as áreas científicas, de engenharia, medicina e direito mais do que duplicou. Nenhuma área das atividades humanas é

hoje fechada aos negros. Em 1983, Guion S. Bluford, Jr., foi o primeiro astronauta negro americano a viajar pelo espaço. No ano seguinte, 1984, Jesse Jackson, um antigo assessor de Martin Luther King, fez campanha tentando a indicação do Partido Democrata para ser candidato à Presidência dos EUA.

Nos últimos anos o debate sobre os Direitos Civis tem focalizado menos a discriminação racial direta (o que a grande maioria dos americanos considera errado) do que a procura em saber se os efeitos da discriminação antiga ainda exigem programas adicionais por parte do governo. Frequentemente esses programas são batizados de "ação afirmativa". Podem, por exemplo, estabelecer metas a serem alcançadas em termos de empregos e vagas para um certo número de negros (ou membros de outros grupos minoritários) num determinado setor empresarial até uma certa data. Podem também estabelecer parâmetros que determinem e assegurem a matrícula de um determinado número de estudantes de grupos minoritários em escola ou faculdade. Tanto a necessidade como a eficácia desses programas de "ação afirmativa" são temas de constantes debates nos Estados Unidos hoje em dia.

Jovens americanos brancos atualmente compartilham com os negros americanos uma nova percepção da história negra. As gerações antigas freqüentemente só conheciam três negros importantes. Um deles era o educador Booker T. Washington (1856-1915), fundador do Tuskegee Institute. O outro era George Washington Carver (1864-1943) botânico de renome mundial. A terceira era Mary McLeod Bethune (1875-1955), pioneira da igualdade de educação para as mulheres negras. Mas atualmente a maioria dos jovens está consciente de que os negros têm desempenhado um papel dos mais relevantes em todas as épocas da história americana. Conhecem, por exemplo, a poetisa americana Phyllis Wheatley (1753-1784), o explorador de regiões desconhecidas Jim Beckwourth (1798-1867), o desbravador da região polar ártica Matthew Henson (1866-1955), o pioneiro da aviação Eugene J. Bullard (1894-1916) e a grande jornalista de muitas causas Ida Wells Barnett (1862-1931).

Na década dos anos 70, o número de negros proprietários de empresas de qualquer porte nos Estados Unidos passou de cento e oitenta e cinco mil para duzentos e trinta e cinco mil. Na maior parte dos casos, são pequenas empresas, porém grandes companhias são também propriedades de negros, ou por eles administradas. Três exemplos seriam a Johnson Publishing, de Chicago (vendas de cento e trinta e nove milhões de dólares em 1984), a Motown Industries, de Los Angeles, cujas vendas alcançaram cento e trinta e sete milhões de dólares no mesmo ano de 1984, e a H. J. Construction Company, de Atlanta — com cento e cinco milhões de dólares em vendas em 1984.

Em 1985, mais de cinco mil das quinhentas mil autoridades eleitas nos EUA eram negros. Cidades grandes e importantes como Los Angeles, Chicago, Philadelphia, Richmond, Atlanta, Detroit e a própria capital federal, Washington, D.C., têm prefeitos negros.

Talvez a maior mudança das últimas décadas tenha sido a mudança de atitudes na comunidade branca. Toda uma geração cresceu desde o famoso discurso de Martin Luther King em 1963. A nova geração mostra uma nova tolerância entre negros e brancos, e uma aceitação maior, por parte dos brancos, de negros, em todas as atividades da vida e em todas as situações sociais.

BLACK AMERICA A América Negra

Com os Cumprimentos da
Fundação Cultural Palmares

Michael Cusack
(Editor Sênior da revista *Scholastic Magazine*)

JAMESTOWN — O INÍCIO

A História dos negros na América do Norte se iniciou no mês de agosto de 1619 quando uma pequena belonave holandesa subiu o rio James e chegou à nova colônia inglesa de Jamestown, na Virgínia.

Tal navio holandês havia capturado um outro no Mar do Caribe — um galeão espanhol que transportava homens e mulheres negros para as colônias espanholas na América do Sul. Naquela época a colônia de Jamestown existia há tão somente doze anos, e aos habitantes faltava tudo — principalmente trabalhadores para arar e plantar, bem como para auxiliar na construção de casas. Assim foi que o povo de Jamestown acolheu os negros com a maior satisfação, já que constituíam uma inesperada fonte de trabalho grátis.

Naquela ocasião, 1619, os ingleses na verdade não praticavam a escravidão, no sentido de uma pessoa ser totalmente a proprietária de outro ser humano. Havia, porém, a prática comum do chamado Indentured Service: durante um certo período de tempo uma pessoa era "dona" ou proprietária do trabalho de uma outra pessoa ou mesmo de um grupo de pessoas. Aliás, muitos dos primeiros pioneiros ingleses a vir para a América do Norte trabalhavam e labutavam sob tal regime. Com seu próprio suor e trabalho compravam uma passagem para o Novo Mundo ou pagavam por algum crime que haviam cometido na Inglaterra. Havia casos mais sérios ainda, onde através de logros, de verdadeiros contos do vigário, ou até mesmo por sequestro, pessoas eram mandadas da Inglaterra para a América.

Os vinte negros que estavam na belonave holandesa que subiu o rio James passaram a trabalhar nesse regime de Indentured Service. Eram brancos e negros a labutar lado a lado em Jamestown, nos campos e plantações, ou construindo estradas e casas. A taxa de mortalidade era altíssima em Jamestown, tanto para os patrões como para os empregados, tanto para os brancos como para os negros, de sorte que havia muita demanda de mão de obra. Justamente por causa desta demanda, capitães de navios muitas vezes compravam, trocavam ou simplesmente capturavam negros dos espanhóis e dos portugueses.

Se bem que um número cada vez maior de negros chegava às colônias inglesas no início do século dezoete, a grande maioria dos trabalhadores no regime de Indentured Service continuava sendo de brancos. Nessa época, o status, a condição deles era a mesma — tanto fazia ser a pessoa negra ou branca.

Quando o período de trabalho terminava, passavam a ser considerados pessoas livres. Podiam então casar, possuir propriedades e, no caso de algumas das colônias, podiam até exercer a plenitude dos direitos e das responsabilidades de um cidadão no pleno gozo de sua cidadania.

ESCRavidÃO

Pouco a pouco, entretanto, a condição dos negros foi mudando. Entre os anos de 1640 e 1680, a Virgínia e as demais colônias do Sul passaram a estabelecer paulatinamente um sistema de trabalho escravo.

A maioria dos brancos que trabalhavam como Indentured Servants tinha um período de servidão pré-estabelecido e já de antemão conhecido. Assim sendo, independentemente dos maus tratos recebidos, sabiam que mais cedo ou mais tarde seriam livres. Em geral contratos haviam sido redigidos, rezando exatamente quando seriam libertados.

Mas os negros não tinham este contrato. Eram trazidos para a América pelos capitães de navios, que os vendiam a quem desse o lance mais alto num leilão. Nos primórdios do século dezoete, até que os compradores e os vendedores nesses leilões concordavam em que a servidão dos negros duraria apenas um determinado período de tempo. Com isto, era criada e se sustentava a sensação de que vendedores e compradores estavam comercializando o trabalho e não as pessoas. Todavia os negros não tinham a menor voz nestas negociações. E já que os compradores desejavam obter o máximo de retorno pelo seu investimento, tornou-se muito comum a prática de se estabelecer para os negros uma servidão vitalícia. Outra prática que também foi se tornando comum foi a de se considerar os filhos dos negros escravos também como escravos desde o nascimento até a morte. Ou seja, instituiu-se de fato a escravidão. E, já no final do século dezoete, nem mais se tentava disfarçar o que de fato ocorria — isto é, a escravidão já se estabeleceu.

Já que um negro podia ser propriedade a vida toda, a demanda por escravos negros foi ficando cada vez

maior que a demanda por brancos em regime de servidão. Era enorme a demanda por trabalho negro nas grandes plantações de Maryland, da Virgínia e das duas Carolinas. Para atender uma demanda tão grande, navios especiais eram construídos para fazer o transporte de negros capturados — trazidos diretamente da costa oeste da África para os mercados de escravos na América do Norte. No século dezoito, o comércio de escravos atingiu um ápice, um verdadeiro boom. Trouxe morte e um enorme sofrimento a milhões de negros. Também enriqueceu imensamente muitas pessoas na Inglaterra e em suas colônias americanas.

Mas, no decorrer do século dezoito, já um número crescente de pessoas, tanto na Inglaterra como nas colônias, começou a erguer a voz contra o comércio de escravos. Entretanto os ricos proprietários e comerciantes de escravos tinham amigos poderosos no governo e, com isto, conseguiam derrotar todas as tentativas de encerrar o comércio de escravos.

CONFLITOS DE CONSCIÊNCIA

No final do século dezoete, e início do século dezoito, a escravidão era praticada em quase todas as colônias na América do Norte. A maioria dos escravos negros ficava em grandes fazendas e plantações, mas não era incomum que pequenos fazendeiros e comerciantes também possuíssem seus escravos. Um pequeno fazendeiro podia, por exemplo, tipicamente, ter um ou dois escravos, além de alguns brancos que para ele trabalhavam no regime de servidão com prazo fixo.

Já em meados do século dezoito, muitos eram os pequenos fazendeiros e comerciantes que começavam a questionar a escravidão. Desejavam sim ter o trabalho grátis, porém não se sentiam bem com a idéia de serem donos de outra pessoa. Tal conceito entrava em choque com um sentimento revolucionário sempre crescente na época, o de que todos os homens eram criados iguais.

Mais ou menos nesta mesma época, muitos pequenos fazendeiros e comerciantes passaram a perceber que nem sempre era lucrativo ser dono de escravos. Pois os escravos e os servos tinham de ser alimentados o ano inteiro, enquanto a necessidade de seu trabalho variava conforme a época do ano. Alguns fazendeiros achavam que era mais barato contratar diaristas quando necessário, ao invés de serem donos de escravos.

I - HISTÓRICO

Esta pesquisa nasceu da necessidade de elaboração de informações sobre a situação da população negra no Estado do Rio de Janeiro, buscando desmistificar a democracia racial, algo que sentimos dificultar o nosso trabalho, mas que não reunimos ainda dados concretos para contrapo-la.

A Comissão dos Religiosos, religiosas, seminaristas e padres negros do Rio de Janeiro desempenha um trabalho de formação de grupos que, entre seus objetivos, buscam recuperar a história do povo negro, seus valores culturais, suas lutas de libertação e aprofundar o conhecimento sobre a situação de vida dos negros hoje. Procura no seu trabalho produzir e sistematizar subsídios para serem utilizados nos trabalhos com as comunidades e grupos na Baixada Fluminense e Vale do Paraíba e, também, para serem refletidos por grupos de outros Estados juntamente com a Comissão e os agentes de pastoral negros. Depois de um longo debate, a Comissão decidiu convocar o grupo de assessoria à pesquisa do IBASE (Instituto Brasileiro de Análise Social e Econômica), para um levantamento sobre a situação da população negra do Rio de Janeiro. Este levantamento viria a ajudar de forma decisiva nos nossos trabalhos durante a Campanha da Fraternidade de 1988 - CNBB, cujo tema "A Fraternidade e o Negro" será debatido pelas comunidades, paróquias e dioceses de todo o Brasil.

Diante desse grande desafio, os agentes de pastoral negros (aproximadamente, 10), buscaram juntamente com os assessores Carla Costa Teixeira, Wânia Santana e Marco Antônio S. Aguiar, num processo longo de discussão, elaborar um projeto de pesquisa. No início, este deveria cobrir os municípios de Itaguaí, Barra Mansa, Resende, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Volta Redonda e, além de uma análise do mercado de trabalho, deveria levantar dados sobre escolaridade, religiosidade, lazer, participação política, habitação, etc. No transcorrer das discussões, assessores e agentes de pastoral, numa troca de experiência de anos de trabalhos específicos foram redefinindo os objetivos e abrangência da pesquisa. Ao final de alguns meses, foram eleitos dois municípios, em cada um 204 domicílios, e um tema central a ser investigado. Os municípios escolhidos foram Nova Iguaçu e Volta Redonda por julgarmos que suas realidades distintas representavam minimamente a diversidade do conjunto de municípios proposto inicialmente. O tema central foi a percepção acerca da discriminação racial, ou seja, a opinião sobre a discriminação racial; as demais informações foram pesquisadas na medida em que poderiam ser condicionantes dessa percepção.

- Procuramos nesta pesquisa, através de uma amostra estratificada, entrevistar o mesmo número de negros, mulatos e brancos em quatro diferentes faixas salariais:

- 0 a 3 salários mínimos;
- mais de 3 a 5 salários mínimos;
- mais de 5 a 10 salários mínimos;
- mais de 10 salários mínimos.

Com isso queríamos garantir uma análise comparativa entre a opinião das pessoas de acordo com a cor e o grupo social.

O item cor foi colhido e analisado de 2 formas: cor declarada pelo entrevistado, cor observada pelo entrevistador. Assim, durante a elaboração do questionário e o treinamento dos entrevistadores, 8 dos 10 agentes de pastoral citados anteriormente, foram definidas as características para a classificação das pessoas em negras, mulatas e brancas:

- 1a) cor da pele
- 2a) aspecto dos cabelos
- 3a) traços faciais

A escolha desses caracteres foi baseada no entendimento a partir, inclusive, das histórias de vida, de que as pessoas, no convívio social, são discriminadas por possuírem: a pele negra e/ou o cabelo crespo e/ou o nariz e os lábios grossos. Foi verificado ainda, através de uma pesquisa prévia, que seria necessário uma hierarquia dos caracteres para solucionar dúvidas de classificação de pessoas que possuíssem características físicas tipicamente brancas e negras, como por exemplo pele negra e cabelos lisos ou vice-versa.

II - ESTATÍSTICAS OFICIAIS: ALGUNS DADOS

A nível nacional, os dados mais recentes de que dispomos sobre a realidade sócio-econômica dos negros no Brasil datam do último censo. 1980.

Em 1970 o censo não investigou a cor da população. A inclusão do item cor no censo de 1980 foi uma resposta as reivindicações de grupos organizados, junto ao IBGE, para que ele voltasse a perguntar a cor dos entrevistados.

No ano de 1976, o IBGE na realização de sua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) fez uma pesquisa especial e incluiu o item cor como teste para a definição do questionário do censo de 1980. Nessa pesquisa-teste foram combinadas respostas em aberto e respostas pré-codificadas. Na publicação "Metodologia do Censo Demográfico de 1980", o IBGE esclarece que os resultados obtidos nesse teste embora considerados aceitáveis por alguns usuários não satisfizeram os encarregados do Planejamento do censo, tendo sido decidido pela exclusão do item cor.

Ao final deste primeiro impasse, uma vitória: a cor seria perguntada. E assim em princípio, 1/4 da população brasileira respondeu a questão: Qual a sua cor? Branca, preta, parda ou amarela? (1). A publicação dos resultados, no entanto, não é satisfatória, ficando muito aquém dos dados mínimos necessários para uma melhor visualização do negro na sociedade brasileira. Nas publicações do censo de 1980 podemos encontrar apenas os seguintes dados relativos à população negra: sexo, idade, rendimento, escolaridade, distribuição pelos diversos Estados do Brasil.

Mais recentemente o IBGE publicou "O lugar do negro fora do trabalho" (2), contendo outras informações sobre a população negra trabalhadora a partir de tabulações especiais da PNAD 1976. Os dados do censo 1980 e da PNAD 1976 são trabalhados por nós para complementar as informações obtidas em nossa pesquisa. Tratamos, assim, um perfil da situação dos negros e mulatos no Brasil.

(1) As características investigadas para toda a população são: sexo, condição de presença, parentesco ou relação com o chefe do domicílio, mês e ano de nascimento, idade, sabe ler e escrever.

(2) Distribuição da população (1980) - A população do Estado do Rio de Janeiro é constituída de 11% de negros e 28% de mulatos, ou seja, dentre 100 pessoas entrevistadas 11 se declararam negras e 28 se disseram mulatas. Nesse mesmo ano a população negra existente no Brasil era de 6% enquanto a mulata era de 39%.

Rendimento médio mensal (1980) - Nas figuras... agrupamentos negros e mulatos verificamos que a presença dos mesmos concentra-se onde o rendimento médio é de até 1 salário mínimo (fig) Com o aumento do rendimento médio observamos que a participação de negros e mulatos decresce (fig) Assim, quando alcançamos a faixa de mais de 10 salários mínimos percebemos que dentre 100 pessoas apenas 11 são negras e mulatas. O argumento que alguns utilizam para explicar essa distribuição de rendimentos é o fato de que negros e mulatos estão nas categorias menos qualificadas e têm menor nível de estudo.

Vamos verificar se isso é verdade? - Utilizando os dados da PNAD 1976 observamos que nas categorias ocupacionais menos especializadas (fig) a presença de negros e mulatos é maior do que nas categorias que exigem maior qualificação profissional (fig) É interessante destacar que no comércio, onde o contato com o público é fundamental, somente 31% dos trabalhadores são negros e mulatos.

Escolaridade (1980) - Será que negros/mulatos e brancos têm o mesmo nível de estudo? - Tomando os dados do censo de 1980, vemos que a cada 100 pessoas que nem chegaram a concluir a 1ª série do 1º grau, mais da metade são negras ou mulatas (fig) Num outro extremo verificamos que com mais de 9 anos de estudo, ou seja, os que concluíram ao menos o 1º grau, a cada 100 pessoas apenas 21 são negras ou mulatas (fig). Assim percebemos que negros e mulatos de fato estão nas categorias que se caracterizam por um baixo rendimento e possuem menor escolaridade. Será que nessas categorias brancos, negros e mulatos têm os mesmos salários?

Segundo os dados da PNAD 1976, nos trabalhos manuais urbanos (operários da construção civil, indústria, etc) a participação de negros e mulatos é de 42%. Enquanto sua participação no rendimento total dessa categoria é de apenas 31% não equivalendo a sua presença na força de trabalho. Isto indica que o rendimento médio dos trabalhadores manuais urbanos negros e mulatos é inferior ao rendimento dos trabalhadores manuais urbanos brancos. Seja pelo fato de numa mesma função negros e mulatos ganharem menos, seja por desempenharem numa mesma categoria funções de menor remuneração.

Será que quando o nível de instrução de negros/mulatos e brancos são equivalentes os rendimentos também equivalem?

Verificamos que não se pode estabelecer uma relação direta entre rendimento

médio e escolaridade, como mostra a fig. Enquanto a diferença de escolaridade entre negros e brancos é de 20 pontos percentuais, a diferença entre os rendimentos sobe para 39 pontos percentuais. O que indica que não é apenas o fator nível de estudo que determina o rendimento dos trabalhadores negros/mulatos. Este argumento, a princípio, só procederia caso os pontos percentuais referentes a diferença entre as escolaridades se mantivessem para o rendimento. Na apresentação de todos esses exemplos verificamos que quando nivelamos a escolaridade numa mesma ocupação, as diferenças de rendimento ainda permanecem. Apontando para a existência de outros fatores na determinação da renda de negros/mulatos e brancos.

III - O UNIVERSO INVESTIGADO

Para melhor compreendermos as pessoas que foram entrevistadas e cujas opiniões vamos analisar, selecionamos algumas características que ajudam a compor o seu perfil e sua inserção na sociedade.

São em sua maioria trabalhadores e donas-de-casa:

- 42% trabalhadores
- 21% donas-de-casa
- 11% aposentados, pensionistas ou encostados
- 06% estudantes
- 09% procurando trabalho
- 11% em outras situações

Pertencem a famílias que vivem com orçamento de:

- 0 a 3 s.m. 25% das famílias
- mais de 3 a 5 s.m. 22% das famílias
- mais de 5 a 10 s.m. 24% das famílias
- mais de 10 s.m. 29% das famílias

E praticamente todos são alfabetizados: a cada 100 entrevistados 93 disseram saber ler e escrever e apenas 7 disseram não. Poucos, entretanto, apesar do rendimento relativamente alto se compararmos com o rendimento da população de Volta Redonda (...) e Nova Iguaçu (...), têm nível superior ou 2º grau completo.

- 1a. a 4a. série 29%
- 5a. a 8a. série 33%
- 2º grau 26%
- nível superior 12%

(acrescentar informações sobre TV e jornal)

IV - A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO BRASIL (colocar alguma citação que afirme o mito)

(Falar um pouco da história do mito da democracia racial no Brasil)

A pesquisa revelou que, hoje, muito poucos acreditam na igualdade racial somente 82 pessoas disseram não existir discriminação racial no Brasil, o que equivale a cerca de 10% dos entrevistados.

- 89% existe
- 10% não existe
- 01% não sabe

E esses identificam principalmente a África do Sul e os EUA como países onde existe racismo:

- 38% África do Sul
- 37% EUA
- 09% Países da Europa
- 16% outras respostas

É importante destacar que o percentual dos que afirmaram não haver racismo no Brasil aumenta entre as pessoas de baixa escolaridade e em especial entre o branco. Chegando a 38% nos de 1a. a 4a. série de Nova Iguaçu e a 24% nos de 1a. a 4a. série de Volta Redonda.

Observando as justificativas dos que identificaram o Brasil como um país onde existe discriminação racial, verificamos que as principais razões alegadas são

- A atitude das pessoas com os negros 36%
- A situação sócio econômica dos negros e razões históricas 15%
- A ignorância, a falta de cultura das pessoas 13%

Grande parte das pessoas perceberam a existência de racismo no convívio diário e, assim, foram muitas as afirmações de que: muita gente é racista, o branco se julga superior, pelo olhar das pessoas, no dia-a-dia. Enquanto um número bem menor destacou a diferença de nível de vida, escolaridade e trabalho entre negros/mulatos e brancos, ou ainda, o passado escravista. Em outras palavras, as pessoas perce

beram justamente o que é tido, no senso comum, em muitas produções teóricas e afirmações políticas, como específico do racismo brasileiro: a "sutileza". O que foi e ainda se considera por muitos, como responsável pela invisibilidade da discriminação racial em nosso país, aparece aqui como a principal justificativa para a afirmação da existência de discriminação racial. Revelando e não mais mascarando as desigualdades raciais em nosso país.

O mesmo verificamos na forma de manifestação do racismo apontada pelos entrevistados como principal, tanto em Nova Iguaçu quanto em Volta Redonda a maneira das pessoas tratarem os negros.

	N.I.	V.R.
- na maneira de tratar, na sociedade, nos ditados populares etc.	36%	40%
- na situação econômica e no grau de estudo dos negros, no momento de seleção do trabalho etc.	22%	15%
- nos locais de diversão, instalações comerciais e transportes coletivos	14%	22%

Quando olhamos, porém, para as outras respostas mais frequentes, verificamos, que há uma diferenciação entre os dois municípios. Em Nova Iguaçu, o 2º modo de manifestação do racismo mais apontado foi: situação sócio-econômica e no momento de seleção para o trabalho. Já em Volta Redonda foi: locais de diversão, comércio e transportes coletivos.

Ao analisarmos a estruturação do mercado de trabalho em Nova Iguaçu, percebemos que as ocupações que congregam o maior número de trabalhadores são as da prestação de serviços (confirmar). Esse contexto, onde a famosa "boa aparência" é um critério de seleção de mão-de-obra, pode favorecer a percepção das relações econômicas como um espaço privilegiado de realização das desigualdades raciais.

Volta Redonda, por sua vez, é uma cidade industrial que praticamente se desenvolveu a partir da Companhia Siderúrgica Nacional. E, segundo moradores entrevistados, é no convívio social que aparecem os conflitos raciais: "Negro que vai ao 09 de abril (um cinema) ou ao Náutico (um clube) se arrisca a ser barrado." (mulher branca, 25 anos) - "No Laranjal (um bairro rico) você não vai encontrar negro. Só trabalhando!" (Homem branco, 50 anos) - "O Paulo Mendes é clube da negra da." (Homem negro, 36 anos)

Procuramos na pesquisa investigar, também, o preconceito das pessoas com relação aos negros e mulatos. Para tanto apresentamos alguns quadros com brancos e negros em determinadas situações.

(quadro da mulher branca)

NOVA IGUAÇU
91% dona-de-casa
06% empregada
03% outras definições

VOLTA REDONDA

92% dona-de-casa
05% empregada
03% outras definições

(quadro da mulher negra)

NOVA IGUAÇU
60% dona-de-casa
35% empregada
05% outras definições

VOLTA REDONDA

66% dona-de-casa
27% empregada
07% outras definições

A quantidade de pessoas que identificaram a mulher negra fazendo compras como empregada doméstica é muito grande se compararmos com as que disseram que a mulher branca era empregada doméstica: cerca de 6 vezes maior.

E se atentarmos ao fato que: (último quadro de dados da pesquisa)

Podemos vislumbrar o tipo de postura que, a maioria das mulheres negras enfrenta na sociedade: a princípio são empregadas e não donas-de-casa. Isso num país em que a ocupação empregada doméstica é desvalorizada contribui fortemente para a composição de uma imagem negativa da população negra.

A imagem negativa da negritude faz com que muitas vezes negros e mulatos tenham fugir dessa condição através do clareamento da própria cor. Assim, das pessoas consideradas negras ou mulatas pelos entrevistadores (2º quadro dos dados da pesquisa).

V - A REAÇÃO FRENTE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Procuramos, também, levar a nossa investigação a detalhar mais profundamente a experiência das pessoas entrevistadas diante da discriminação racial, anterior-

mente constatada de forma quase unânime. Assim,preparamos um bloco de perguntas que seria respondido apenas pelos negros e mulatos (segundo a classificação do entrevistador).Selecionamos três perguntas:

- 1a. Você já sofreu discriminação racial?

- SIM 33%
- NÃO 67%

A maioria dos que responderam SIM foram pessoas de baixa escolaridade (1a. a 4a. série),ao contrário do observado na pergunta que investiga a existência de discriminação racial no país: a maioria dos que responderam afirmativamente, encontravam-se nas faixas de média e alta escolaridade.E os negros assumiram mais a vivência da discriminação racial,enquanto os mulatos tenderam a não percebê-la como algo próximo do seu cotidiano.

- 2a. Conte um caso:

Sofreu desfeita pela cor,proibido de entrar no clube,prédio ou cinema,barado no baile pelo fato de ser negro ou mulato,em Volta Redonda,foi a opção que mais se destacou: 44% dos entrevistados. Já em Nova Iguaçu,a manifestação de racismo mais frequente,com 29%,foi: considerado incapaz no trabalho...

Analisando o quadro a seguir,encontramos que a maioria das respostas identifica a discriminação como um fato ligado mais às relações pessoais.

- 3a. Que atitude tomou?

- | | |
|--|-----|
| - chorou ou nada fez | 48% |
| - denunciou na imprensa, reagiu verbalmente, etc | 20% |
| - saiu do serviço e nunca mais voltou | 19% |

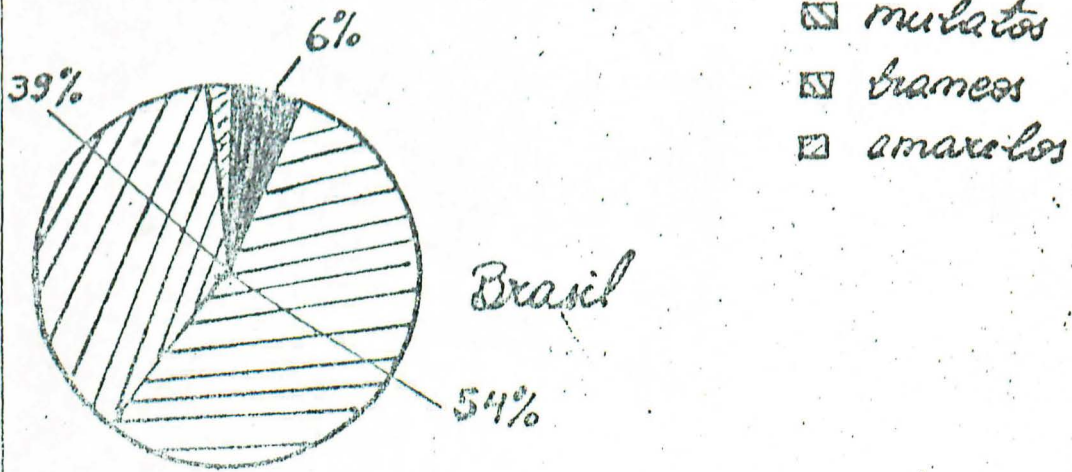
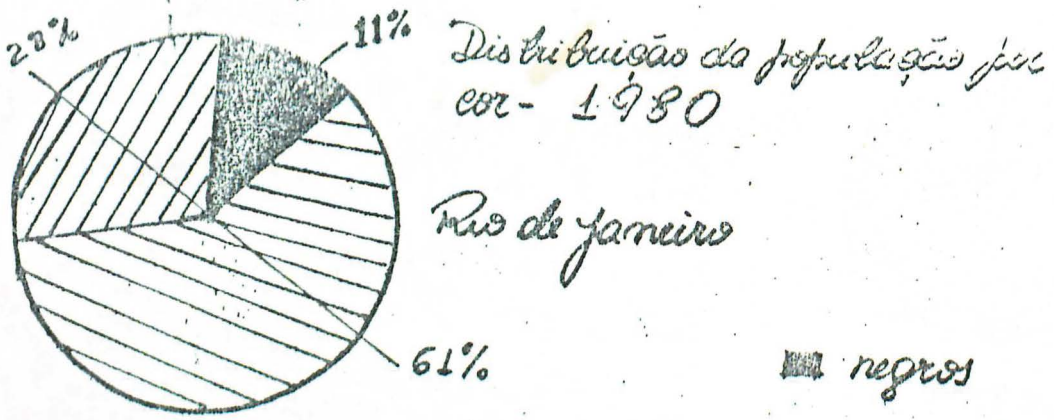
Quase metade dos que disseram ter sofrido discriminação racial,tanto homens quanto mulheres,choraram ou nada fizeram.E ninguém denunciou na delegacia. Os mulatos reagem mais que os negros apesar de identificarem em menor grau a existência de discriminação,ou seja,quando assumem tendem a reagir.Será que reagem por ter consciência de sua negritude ou sua reação somente é pautada pela rejeição do seu ser negro? Os grupos de reflexão do 1º Encontro dos Agentes de Pastoral Negros do Rio de Janeiro,a partir dos resultados da pesquisa,levantaram as seguintes questões:

"Chorar é uma atitude individual do tipo que não resolve nada? Ou é um indicador de que as formas usadas para discriminar os negros e os mulatos são de tal forma humilhantes que a única reação encontrada por eles é de chorar e, assim,expressar toda sua angústia por não conseguir reagir de outra forma.

SUBSÍDIO PARA A CAMPANIA DA FRATERNIDADE/1988

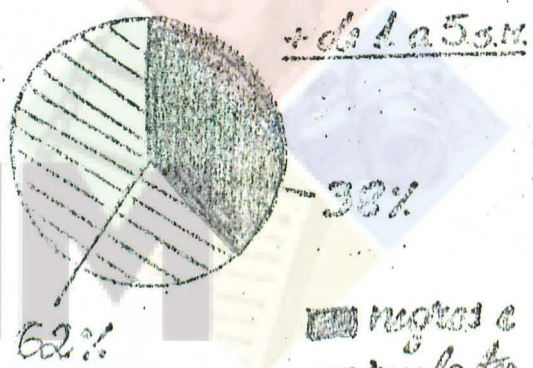
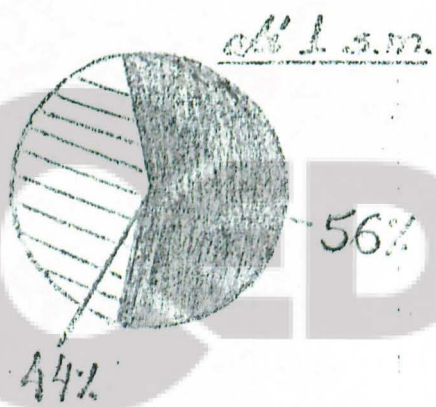
Trabalho do IBASE

Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu
Janeiro de 1988.

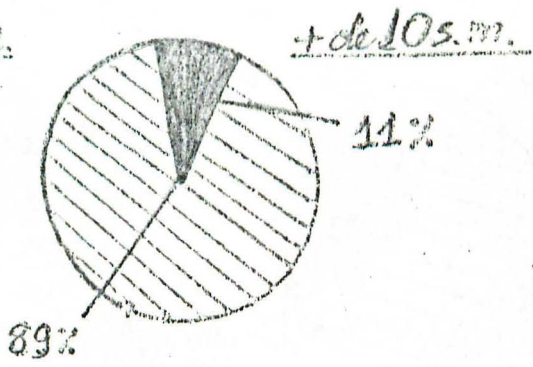
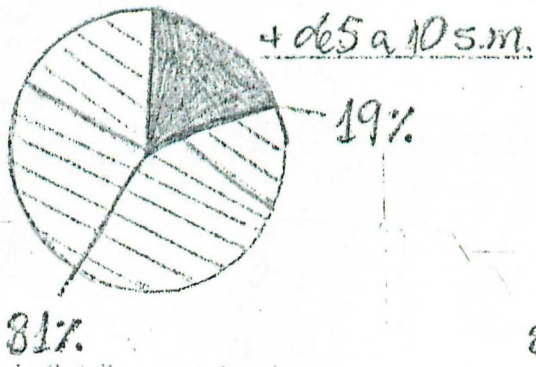


- negros
- ▨ mulatos
- ▧ brancos
- ▩ amarelos

Rendimentos Médios Mensal - Brasil - 1980

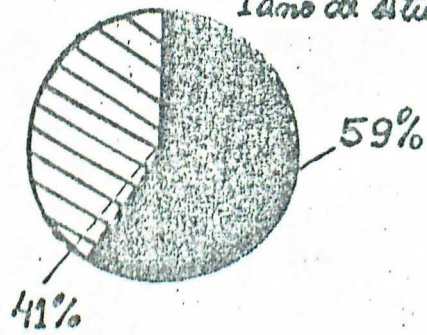


- negros e mulatos
- ▧ brancos

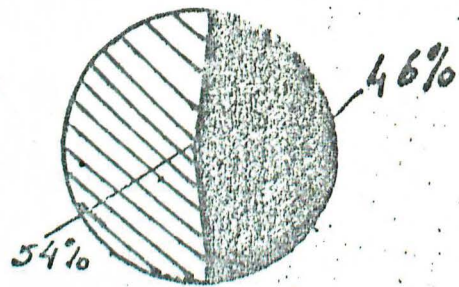


Escolaridade - Brasil - 1980

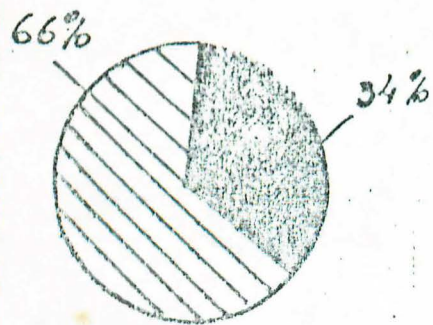
5/ instrução e menos de 1 ano de estudo



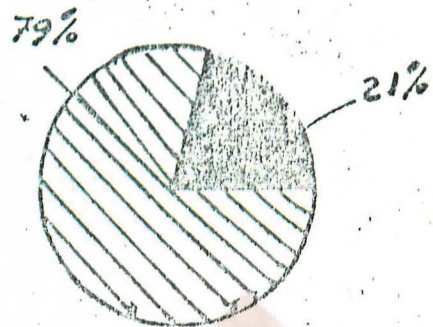
1 a 3 anos de estudo



4 a 8 anos de estudo

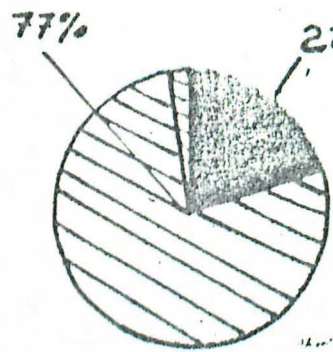


9 anos ou mais de estudo



CEDIM

Trabalhadores não-manuais - 1976 - Brasil

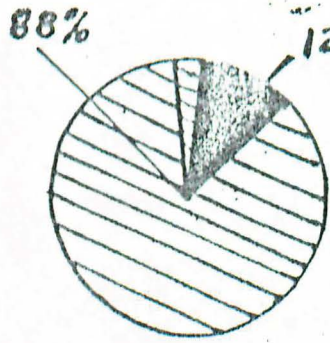


participação na
força de trabalho

■ negros e
mulattos

▨ brancos

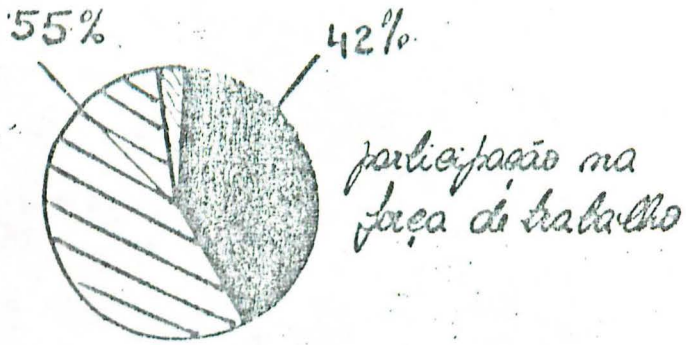
▨ amarelos



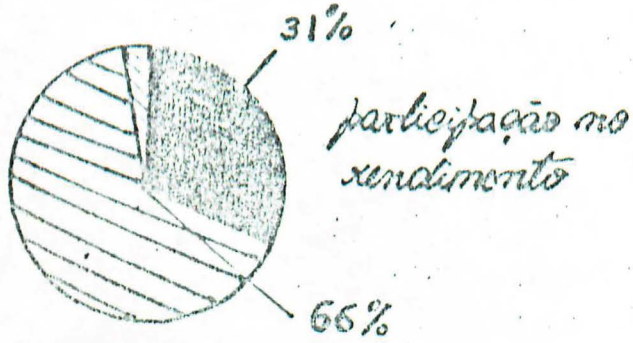
participação no
rendimento

CEDIM

Trabalhadores Menores - 1976 - Brasil

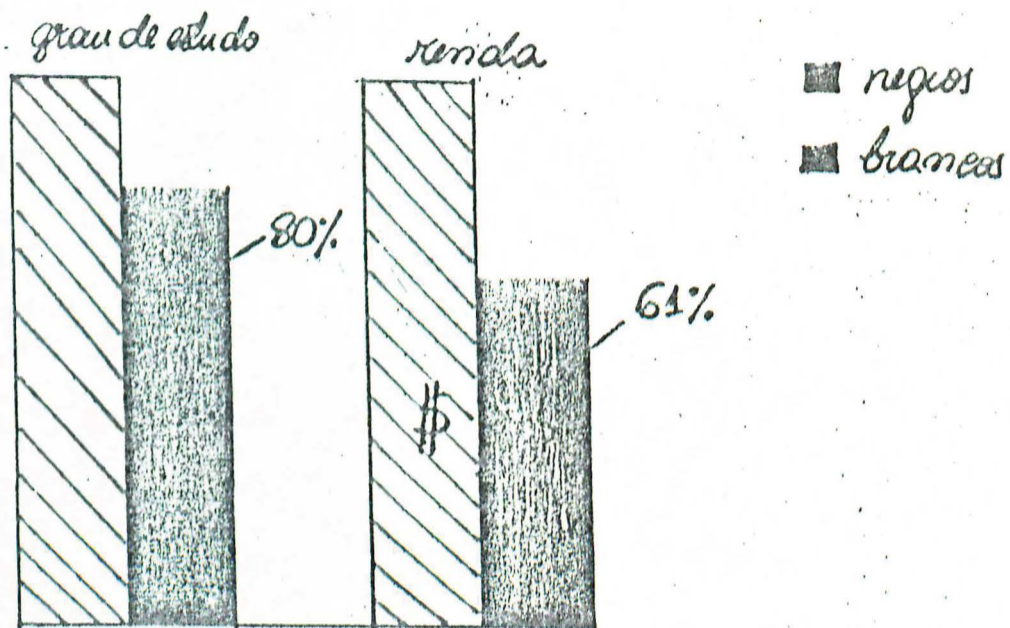


- negros e mulatos
- brancos
- amarelos

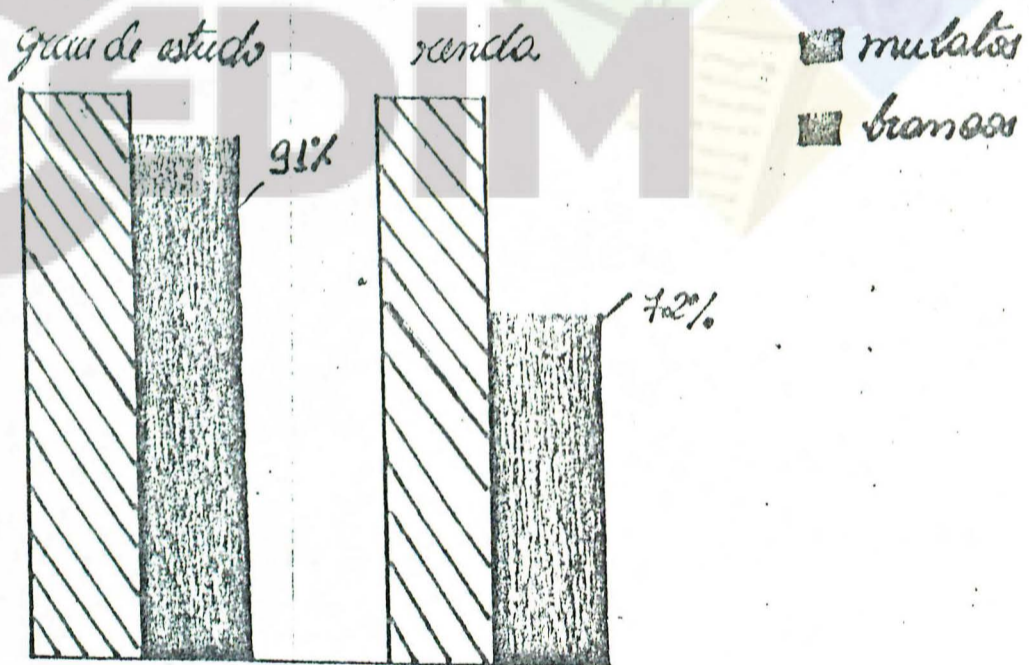


CEDIM

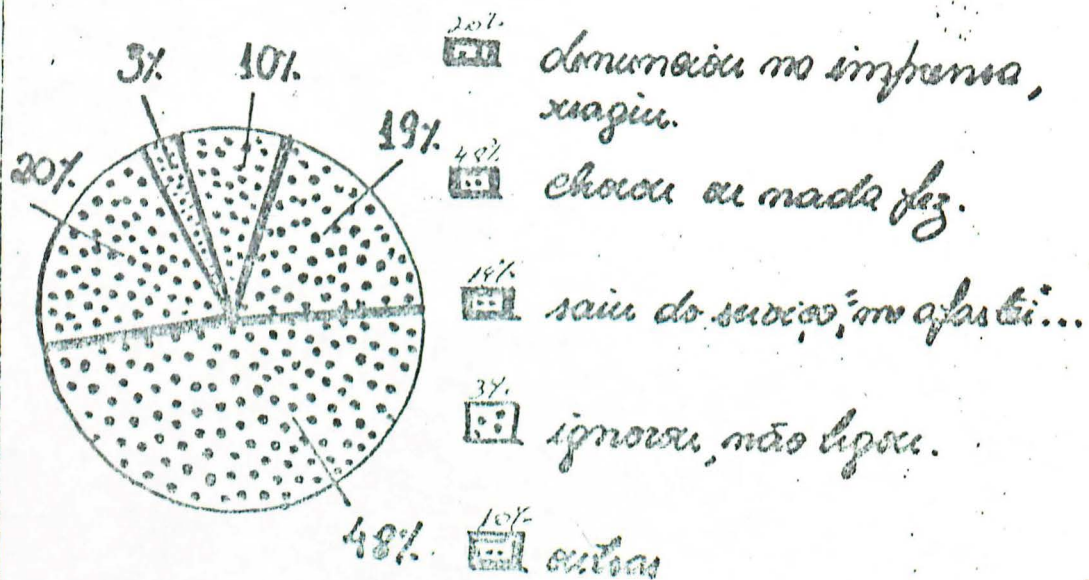
Empregados na indústria - Brasil - 1976



Trabalhadores de escritório - Brasil - 1976

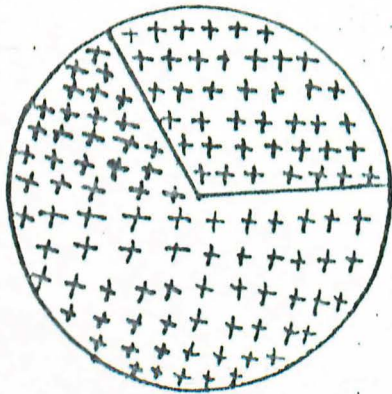


Atitudes tomadas pelos negros e mulatas que disseram ter sido discriminados:



CEDIM

Já sofreu discriminação racial?



sim 33%

não 67%

- A maioria q diz não são os de alta escolaridade.

- Os negros sentem mais a discriminação

Balançando :- 89% diz que existe discriminação

- 33% diz que já sofreu discriminação e 67% não

- Por que desta contradicção?

- Diferença do discurso e prática

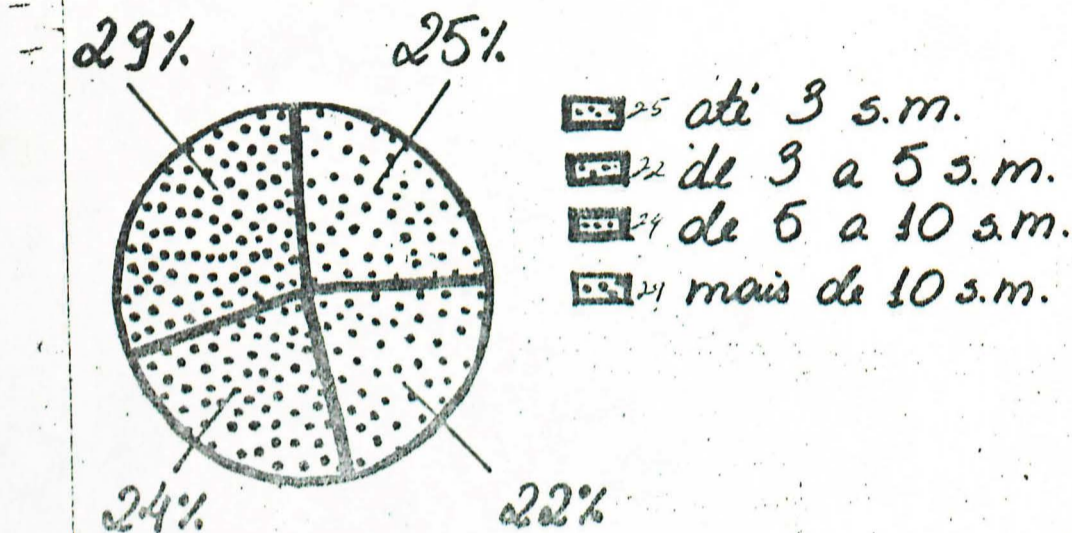
↳ Não leva à identif. pois fácil assumir
↳ Obrigatoriamente leva
a uma identificação, daí nega-se

- História dolorosa - m gostam de lembrar, cria
consciência neg. muitas -

- Medo de ser tratado de complacido, ao afir-
mar na prática, assumir a realidade de
discriminado

- Os mecanismos usados pela sociedade p/1
manter os discriminados sem abrir a boca

Rendimento familiar:



Foi entrevistado a mesma quantidade de domicílios
na faixa: 0 a 3 s.m.

3 a 5 s.m.

5 a 10 s.m.

Mais de 10 s.m.

Como foi entrevistado o mesmo número de domicílios

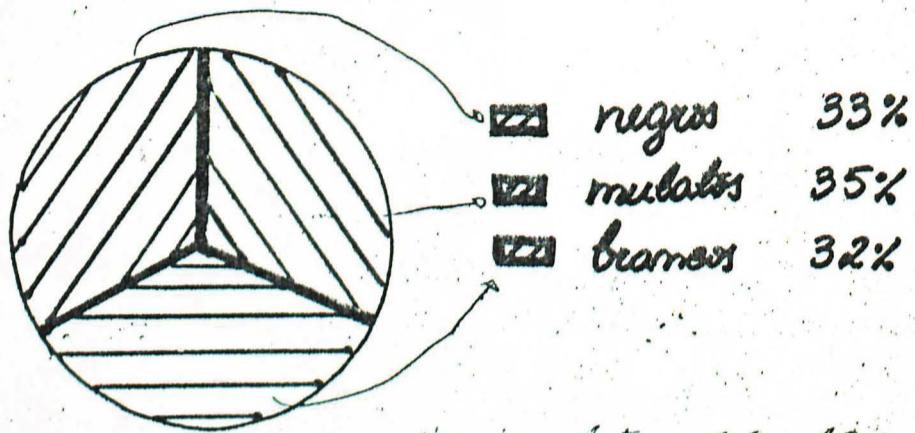
Negros

Branco

Mulato

em toda a Pesquisa em um cada
faixa salarial

Cor das pessoas de acordo com o entrevistador:



Negros e mulatos = Total 68

Critérios usados pelos entrevistadores:

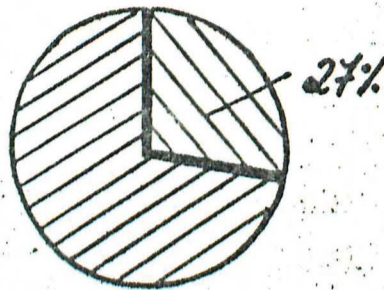
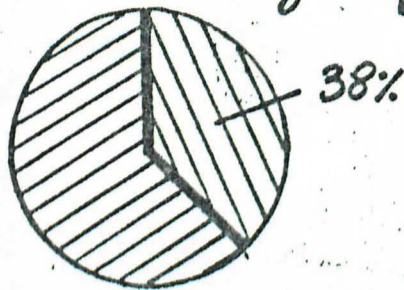
- Cor da Pêlo
- Labelo (Tipo)
- Caracteres Fisiômicos

Obs → Para a pesquisa (final) negros e mulatos todos são considerados negros.

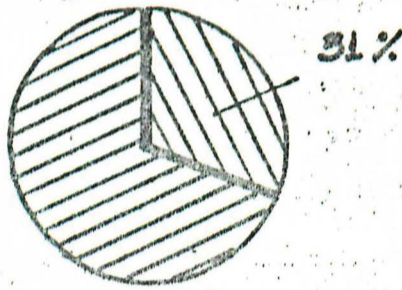
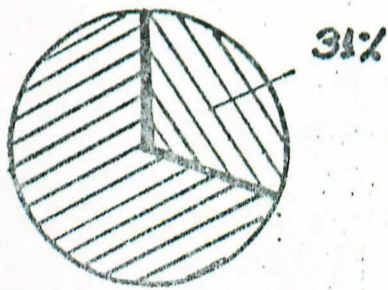
Nova Iguaçu

Volta Redonda

■ negros que se disseram mulatos



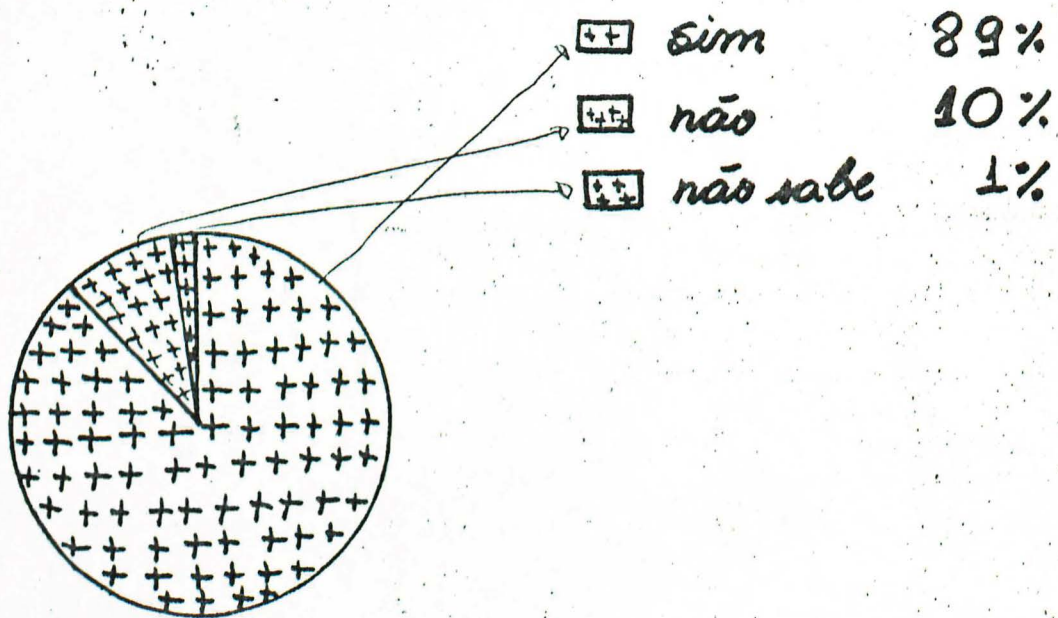
■ mulatos que se disseram brancos



A pesquisa aponta a tendência. Em N.I. (Retiro da Baixada) tende em 38% dos negros se declararem mulatos (a classificar sua pele), em Volta Redonda a tendência é de 27%

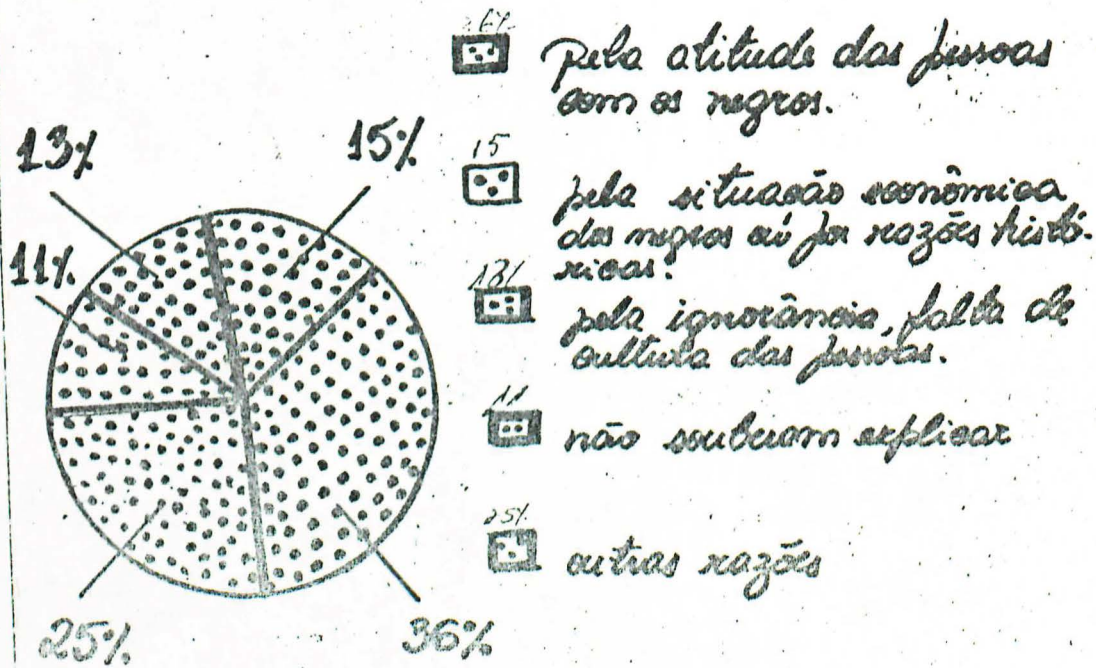
Em se tratando dos mulatos, a tendência é de 31% em N.Iguaçu e em Volta Redonda (branquear a pele)

Existe discriminação racial no Brasil?



CEDIM

Por que existe discriminação racial no Brasil?



67
pela atitude das pessoas com os negros.



15
pela situação econômica dos negros e por razões históricas.



13
pela ignorância, falta de cultura das pessoas.



11
não sabem explicar



25
outras razões

CEDIM

Como se dá a discriminação racial no Brasil?

^{36 NI / UR 40}
na modo de tratar, na sociedade, nos ditados populares.

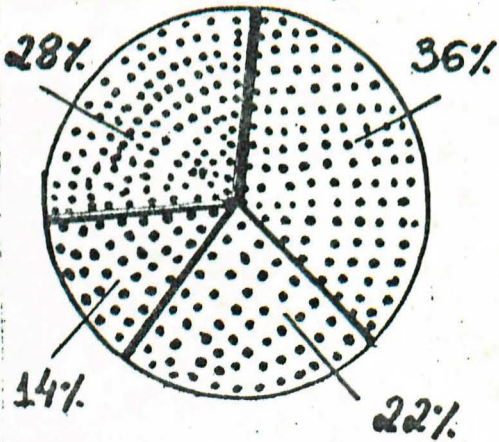
^{22 NI / 15 UR}
na situação econômica e grau de estudos dos negros, no momento da seleção no trabalho.

^{14 NI / UR 22}
nos locais de divusão, instalações comerciais e transportes coletivos. (relação social)

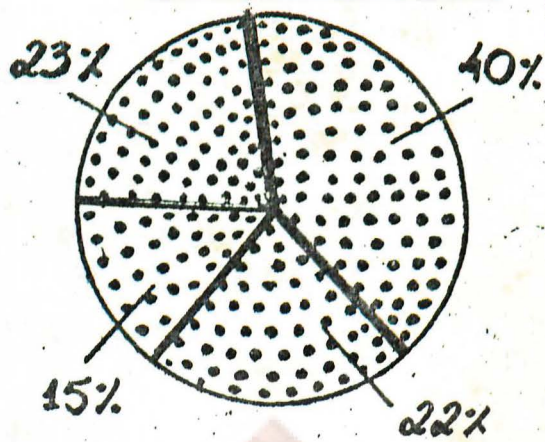
^{28 NI / 23 UR}
outras formas.

Por que
de diferença
em verso .NI. UR

Nova Iguaçu



Volta Redonda



CEDIM

